



RUY BARBOSA

DISCURSO

PROFERIDO

NA

ASSEMBLÉA PROVINCIAL

EM SESSÃO DE 27 DE JUNHO DE 1878

BAHIA



LIBERDADE COMMERCIAL

O PARTIDO LIBERAL BAHIANO

DISCURSO

PROFERIDO PELO

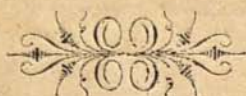
DR. RUY BARBOSA

NA

ASSEMBLÉA PROVINCIAL DA BAHIA

NA SESSÃO DE 27 DE JUNHO DE 1878

E MANDADO IMPRIMIR POR SEUS AMIGOS



BAHIA

Typographia do «Diario da Bahia»

101 — Largo do Theatro — 101

1878

Discurso do Sr. Dr. Ruy Barbosa, proferido na sessão de 27 de Junho

O SR. RUY BARBOSA (*Movimento de attenção*):—A parte especial, Sr. presidente, a parte não sei se diga technica do assumpto a que diz respeito este projecto, acha-se, a meu ver, esgotada pelo debate decorrido até hoje. A analyse penetrou nelle com a sua luz; e, quanto ás disposições da projectada lei, encaradas por menor, cada uma na sua conveniencia ou inconveniencia relativa ante o espirito geral dessa proposta, está, creio eu, estabelecida nos espiritos uma convicção reflectida, um juizo completo. Não é, portanto, com o intuito de entrar nesse exame, de o illustrar, que me levanto agora. Venho apenas, como um dos servidores mais convencidos da idéa liberal, tributar-lhe a homenagem publica da nossa ininterrompida adhesão, contra as versões malevolas que aqui nos têm indigitado á reprovação do paiz como infieis ao symbolo das nossas crenças; venho firmar, em relação á materia pendente, as leis eternas da eschola a que temos a honra de pertencer; venho defender o nosso melindre politico, ferido por interpretações injustas. Seja, pois, desculpa á minha afoiteza, depois de tão luminosos discursos, esse zelo, com que a minha consciencia encara, nas questões sociaes de ordem superior, como esta, esses grandes principios, essas eminentes verdades, esses dogmas fundamentaes do credo liberal.

Não é, portanto, a uma preocupação de politica local que me vou entregar agora; é, sim, a uma dessas questões de alta politica, localisada, é verdade, na sua applicação actual, mas universal na essencia dos direitos que envolve, a uma dessas questões em cuja região serena e elevada não penetra naturalmente, não deve penetrar, a intolerancia dos preconceitos, das paixões, dos interesses individuaes.

Quando, pois, Sr. presidente, para captar-me, neste momento, a benevolencia da casa, não me assistissem outros motivos; quando não houvesse de auxiliar-me neste sentido a força das apprehensões que, devida ou indevidamente, estão impressionando o animo publico, bastante seria, cuidado eu, essa consideração só, a impersonalidade, a supereminencia do assumpto, para assegurar-me certo direito á attenção benigna dos meus antagonistas politicos aqui.

O nosso nobre collega, que deste lado se senta não sei porque, quando é o mais intransigente auxiliar da opposição conservadora nesta assembléa, o Dr. Antonio Euzebio, em nome da liberdade commercial verberou as medidas municipaes contra a crise alimenticia, incipiente ainda, cujo desenvolvimento lisonjeio-me de considerar atalhado, mas cujos primeiros symptomas, assaz graves já para inquietar os menos medrosos, determinarão entre o povo sobresaltos, exaggerados, creio eu, de certa altura em diante, mas nem por isso menos dignos de merecer os cuidados mais zelosos da administração local. Associando o exame dessas medidas á discussão do projecto vertente, deu-me S. Ex. o direito, tão proficuamente utilizado já pela metade liberal desta casa, de, tambem neste debate, acudir-lhe com a rectificação que idéas, aliás em sua generalidade exactas, porém mal adaptadas á censura de que o nobre deputado se fez órgão, impõem áquelles, como eu, cuja ambição unica, nestas desinteressadas lides, é não ceder vantagem a ninguem no estremecer pela pureza da fé liberal.

Tal qual, neste ponto, o nobre deputado, não pertenco ao numero, Sr. presidente, dos que nessa classe de concepções superiores, que têm entre os homens o nome de *principios*, encarnão simples

abstracções, entes da razão metaphysica, theorias dilataveis ou contractiveis á mercê das conveniencias occasionaes, invenções mais ou menos engenhosas, mais ou menos formosas, mais ou menos seductoras, mas nem sempre verdadeiras, nem sempre efficazes, nem sempre prudentes. Profundamente imbuída no espirito positivista, identificada cada vez mais extensamente, de dia em dia, a esse grande methodo, a sciencia moderna, regenerada por elle, não reconhece a dignidade de *principios*, essa dignidade irresistivel, essa suprema autoridade, quer na ordem dos factos materiaes, quer nas evoluções do mundo moral, se não a essas grandes leis, cuja constancia, cuja universalidade, cuja inalterabilidade rigorosamente se demonstrem pelos tramites severos da observação inductiva. Não posso admitir, portanto, que só ás situações calmas, aos tempos ordinarios, ás necessidades quotidianas, os devamos licitamente applicar; que só nas circumstancias communs esteja encerrada nelles a solução dos problemas politicos ou sociaes; que, para limitar-lhes o dominio, seja legitimo, ao arbitrio das opiniões individuaes, tão variaveis quanto as cabeças, eximir da acção delles, separando-as como excepções, certas difficuldades que pareça destoa-rem do curso normal das cousas. Creio, pelo contrario, e firmemente o creio, que na força de resolver essas difficuldades extraordinarias é que consiste a grandeza eterna e sublime dessas verdades, tão simples, quanto admiravelmente cheias de recursos para as maiores calamidades nacionaes. Logo, uma philosophia, uma eschola, um partido não podem adoptar sob essa classificação preeminente uma idéa, sem obrigar-se a subordinar-lhe integralmente a série de factos da mesma ordem, da mesma origem, da mesma natureza. Ora, nessa altura, a par dos primeiros, pára, sem duvida nenhuma, entre as nossas crenças, a liberdade commercial. (*Muito bem.*)

Ante ella não ha excepções. Cumpre não tirar-lhe o que decididamente lhe pertence; mas, pela mesma regra de exactidão scientifica, releva, ao mesmo tempo, não lhe attribuir o que da sua alçada não é. Verificada uma relação de causa a effeito, averiguada a sua invariabilidade, a sua fatalidade, chega a experiencia, multiplicando-se, e generalizando-se, á revelação das leis naturaes. A reprodução persistente dos mesmos factos no mesmo encadeamento, na mesma successão, diz ella, descobre-nos a existencia de uma *lei*, isto é, de uma necessidade essencialmente ligada á série natural, á evolução natural, ao desenvolvimento natural da criação, a existencia de uma causalidade superior á vontade humana. Aproveitando, encaminhando essa força, não vos é dado fazel-o, entretanto, senão respeitando-a sempre; porque a presumpção de torcel-a, de invertel-a, seria inevitavelmente punida com a desordem, com a recrudescencia dos males actuaes, com a decepção de um resultado opposto ao que com essa infracção do systema eterno do mundo quizesseis promover. Realizadas, portanto, certas circumstancias, se a lei que preside a essa classe de phenomenos está discriminada scientificamente, pre-

vistas estão as consequencias; contaes com ellas; dirigi-vos como quem as espera. Mas tambem cuidado que não vades applicar fóra de proposito a lei resultante da analyse de uma ordem de phenomenos á apreciação de uma ordem de phenomenos diversa! Na materia que aqui se controverte, pois, a preliminar é: se as circumstancias economicas com que estamos lutando são precisamente da mesma especie daquellas de onde sahiu o salutar principio da liberdade commercial, e que a liberdade commercial ha de reger. (*Muito bem!*)

Com a idéa fixa de criminar a municipalidade, propugnando as idéas de Bastiat, a que, nesta parte, me honro tambem de filiar-me, o nobre deputado a quem, pouco ha, me refiria, esqueceu, todavia, um dos conselhos aproveitaveis do mestre. Notando que o preço da farinha continuara a subir nos primeiros mezes deste anno, e apontando para as providencias com que a edilidade concebera obviar ao encarecimento progressivo desse artigo de primeira necessidade, indigitou vehementemente como consequencia dellas essa aggravação dos soffrimentos populares, sem demonstrar, senão pela coincidencia entre os dous factos, a dependencia real de um para com o outro; sem advertir que a progressão crescente dos preços, perceptivel ja mui sensivelmente antes das medidas municipaes, não era, nos primeiros mezes posteriores á inauguração desse regimen, senão o effeito de um impulso anterior a ellas, de causas independentes, que lhes preexistião, que subsistem, e que não lhes é dado remover. (*Apoiados.*) Num aparte lembrei então ao nobre deputado que, raciocinando assim, incorria num sophisma trivialissimo entre os espiritos superficiaes, mas não raro tambem entre os homens da elevada esphera intellectual a que o nobre deputado pertence....

O Sr. Antonio Euzebio:—Obrigado.

O Sr. Ruy Barbosa: ... no erro vulgar do *post hoc, ergo propter hoc*. Contra fallacia desse insinuante sophisma aconselhava o brilhante propagandista da eschola de Manchester em França a maior cautela, a mais vigilante desconfiança. Alumno desaproveitado neste ponto, o nobre deputado, esquecendo esse lembrete, commetten, em defesa do livre-permutismo, contra adversarios que só num falso presupposto de S. Ex. o erão, injustiça igual ás de que essa eschola foi alvo no meio dos seus primeiros triumphos. Occorre-me, com effeito, que, tendo-se começado em 1842, na Inglaterra, e proseguido nos dous annos subsequentes, a redução dos impostos prohibitivos, succedeu ser má, em 1845, a colheita, e em 1846 ainda peor, seguindo-se dahi padecerem seriamente, em 1847 e 1848, as classes populares. Dessa crise, que não provinha da reforma liberal das tarifas de importação, crise que, pelo contrario, se não fóra essa reforma, ainda mais cruel seria, dessa crise fez mina a má fé dos proteccionistas, imputando-a ás innovações do *free-trade*. «E' essa liberdade maldicta,» clamavão os apologistas do abuso, «é ella que nos tem feito o mal todo. Promettia mundos e fundos; acolhe-

mol-a, e eis o que nos trouxe: a safra decresce de anno em anno, fechão-se as fabricas, geme faminto o povo.»

Ora, posição mais deslustrada não conheço para os advogados de uma idéa sã que a de a defenderem, ainda irreflectidamente, com as mesmas astucias dos seus inimigos contra ella. E nesse peccado é que não quero cahir com S. Ex.; delle é que vou ver se escaparei.

De evidencia é, Sr. presidente, que as leis absolutas, na philosophia natural como na sciencia social, não têm esse caracter senão só no circulo dos factos de onde a indução experimental as foi buscar; que os principios são limitados pela natureza dos phenomenos que os determinão, pelas razões que os legitimão, que lhes servem de base, que lhes conferem essa autoridade. Investiguemos, pois, se, nas censuras com que os theoristas da permutação livre condemnão a intervenção directa, positiva, restrictiva do estado nas crises alimenticias, alguma haverá, que tenha em mira situações economicas semelhantes á nossa; se os motivos que, em geral, como quebra da liberdade commercial reprovão, nesta especie de crises, essa ingerencia do governo, prevalecem aqui, hoje, contra as resoluções municipaes.

Em taes infortunios não se intrometta a administração, pregão os economistas liberaes. Entregue á direcção intelligente das suas proprias conveniencias, o commercio mesmo remedial—os-ha. Primeiramente, o interesse pessoal, o interesse privado, o interesse da propria conservação basta para affiançar vol-o. Descansae nelle. Depois, uma nação não offerece ao consumo estrangeiro senão as sobras da sua producção; e, quando lhe mingue a producção interior, no excesso da producção estranha, na fecundidade agricola dos outros paizes tem prestes o recurso contra a deficiencia da sua. Adverti mais que sobre o trafico internacional o commercio intranacional dos mesmos productos conta uma superioridade, um attractivo poderoso: a ausencia dos gastos que a exportação impõe. Notae, ainda, que, se a procura no mercado intestino, exceder consideravelmente a offerta, o commercio, com os mesmos meios, o mesmo tino, as mesmas vantagens, com que era exportador até hontem, far-se-ha de hoje em diante importador. Reflecti, emfim, no perigo inherente a qualquer alvitre que embarce esse movimento natural dos interesses: a importação necessariamente declinará; porque os mercados livres, onde a miseria, o terror panico, os regulamentos officaes não impõem directa ou indirectamente ás mercadorias um preço forçado, chamarão com certeza os productos estrangeiros para longe de um mercado onde o direito commum esteja submittido a condições coercitivas.

Ahi estão, Sr. presidente, os fundamentos com que, noutros paizes, a eschola da liberdade, onde abri os olhos á vida publica, e contra a qual a consciencia ainda não me accusa de uma falta, desaprova medidas occasionaes, de analogia mais ou menos apparente com as que adoptou a municipalidade bahiana. Acompanhal-os-hei um a um, oppondo a cada um delles a situação real

desta provincia, desta cidade ha seis mezes; e, porque o nobre deputado não ponha em duvida a minha fidelidade, com o risco embora de tornar-me talvez prolixo, talvez pesado, il-os-hei buscar nos proprios textos de livre-permutistas genuinos, principiando por aquelle de que S. Ex. valeu-se no seu discurso.

Se me não engano foi ao dictionario de Guillaumin que o nobre deputado soccorreu-se. Começando por ahi, pois, irei pedir, nesse livro, ao collaborador de deste assumpto particularmente se occupou, a refutação que a S. Ex. devo. (*Lendo*) «Se, num momento dado», escreve esse economista, «os que possuem provisões de trigo, quer «o hajão colhido no logar mesmo, quer o tenham adquirido commercialmente, recusassem vender-o e dispor delle por preço algum, a consequencia immediata seria o encarecimento desse genero no mercado interior; haveria mingua, talvez fome, para as classes da sociedade alheias «à lavoura e ao commercio de cereaes, havel-a-hia, em geral, para todos quantos não tivessem «provisão de trigo superior a suas precisões. Isso «é incontestavel.»

Incontestavel é, portanto (abrindo aqui um parentesis), o que neste recinto já se contrariou, que crises alimenticias não as ha só determinadas por accidentes locais ou inconstancias da athmosphera; que, a par dessas naturaes, conhecem-se as artificiaes; que, alem das de origem physica, tambem se indicão as de origem humana, voluntaria, as que o espirito de especulação mercantil, mais ou menos esclarecido, mais ou menos ambicioso, possa engendrar.

«....Mas», prosegue o escriptor liberal (*continuando a ler*), «por outro lado, perfeitamente «evidente é que tal facto, que a recusa mais ou «menos geral de vender, ou supponhamol-a for-tuita, ou proveniente de mancomunação entre «os possuidores da mercadoria que se necessita, «não se realizará jamais, não pôde em caso nenhum realizar-se, sob um regimen que deixe «obedecer os productores e os negociantes ao «impulso dos seus interesses pessoais, salvo se «tiverem boas razões para julgar insufficiente a «provisão commum do paiz. ... Quando a procura e a offerta de um genero são absolutamente «livres, o unico motivo que pôde induzir os vendedores a cessar de vender é a perspectiva de «uma elevação eventual e posterior do preço corrente.»

O Sr. Antonio Euzebio:—Faz o favor de dizer quem é esse escriptor?

O Sr. Ruy Barbosa:—E' Cherbuliez.

Ora, repare o nobre deputado. Segundo esse escriptor, devoto, como nós, da eschola de Cobden, a liberdade commercial, que é o preventivo e o remedio para as crises alimenticias, pôde falhar num caso: quando falha o elemento que economicamente a preconisa, o interesse individual. E para effectuar-se essa hypothese, basta que ao negociante se antolhe, no mercado nacional, a perspectiva, a eventualidade, o futuro presumivel de uma elevação extraordinaria do preço; porque então natural é que a producção

acumulada se retraia, se esconda, se guarde para a occasião cujas vantagens apresentadas atrahirem desde já a cobiça dos especuladores.

Partamos d'aqui, Sr. presidente. As circumstancias, no caso actual, são notorias: a sêcca, a fome no norte; o valor da farinha alteado a uma taxa descommunal; sobre esse artigo, de lá para cá, encomendas sem limite ao preço. Em vez de alta futura do preço, qual esse publicista a figurava, ahí temos a alta *actual* (o que é a meu favor), não no mercado provincial, é certo, mas em mercados proximos, e tão excepcionalmente exaggerada, que compensa, sobreexcede, cobre muitas vezes o custo do transporte e o maior lucro possível no mercado interior. Logo, em lugar de uma vantagem porvindoura, incerta, duvidosa, *eventual* em summa, ahí estava, seduzindo as expedições de farinha para as provincias septentrionaes, uma vantagem segura, infallivel, presente, immediata. Quem acreditará, pois, que o freio impotente contra a tentação de um grande beneficio *eventual* e, portanto, fallivel, além de mais ou menos longinquo, prevalecesse contra a de uma vantagem consecutiva, certa e enorme, como a que ao commercio bahiano proporcionava a exportação da farinha para as provincias dizimadas pela sêcca? (*Muito bem. Apoiados.*)

Passo ao segundo argumento, Sr. presidente. Estudemos os termos em que se elle formula. Bem vê o nobre deputado a singleza com que discuto: não me esquivo ás objecções; vou procural-as, onde quer que se levantem. Não me cinjo ao expositor do lexicon economico de Coquelin. Outro *free-trader* francez, e dos mais decididos, Frederico Passy, escreveu sobre as crises alimenticias um longo ensaio, numerozo nos factos, grave na doutrina, lucido nas deducções. As allegações que o nobre deputado articulou e as que podia ter articulado em prol do seu libello contra a camara municipal, estão enfeixadas alli. Vamos ao seu encontro. (*Lendo*): «Emquanto a «cereaes», diz elle, «o para-raio e o seguro são a «liberdade completa e continua do commercio. «Toda vez que uma nação possa exportar livremente os grãos que produz, produzil-os-ha para «as outras, depois que para si mesma os houver «produzido; e, se uma das suas safras fôr menos «boa, essa nação contará, em seu proprio solo, «com um excesso seguro no que ordinariamente «costuma entregar ao consumo estrangeiro.»

Quem dirá que exista paridade real entre essas circumstancias e as nossas? Safra má propriamente não a tinhamos; mas essa superabundancia (suppondo que a houvesse) de farinha, destinada, nos tempos normaes, á exportação, esse acúmulo sobresalente, em que a eschola liberal confia para as crises, estaria preso a este sólo pelas raizes do interesse mercantil? Copiosa que fosse a colheita, e por mais que o fôra, uma irresistivel força centrifuga, a da exaggeração descommunal, monstruosa, illimitada, por assim dizer, do preço corrente nas provincias assoladas pelo tremendo flagello, atrahiria violentamente para longe de nós, e podel-ahia absorver quasi totalmente naquelle abysmo

insondavel de esterilidade, miseria e fome. (*Muito bem*).

(*Lendo*).... «Eis o para-raio», accrescenta o autor a que alludo. «Para fazel-o funcionar, não se carecem leis nem estorvos á sahida; porque «os nacionaes têm sempre, em relação aos estrangeiros, a vantagem natural da differença «das despesas de transporte e outras inherentes á exportação». No caso vertente falseará esta proposição menos do que as outras? Bem sabeis que não. Presumem aqui os economistas que o excesso dos preços do mercado estrangeiro sobre os do nacional não seja maior, quando muito, do que o total das despesas de frete, comissões, seguro, taxas fiscaes no porto onde embarca a mercadoria, taxas fiscaes no porto de demandado, ficando assim compensada mais ou menos essa differença, que podia afastar do paiz a produção reinicola e, em ultima analyse, niveladas as vantagens do commercio nos dous mercados. Na conjunctura que atravessamos, porém, estão as cousas infinitamente distantes disso.

Reuniram-se todos os encargos inherentes á exportação—custo do transporte, premio do seguro, porcentagem dos intermediarios, direitos aduaneiros—ainda assim, com todas essas despesas additionaes, o preço da farinha no Ceará, no Rio Grande, na Parahyba, em Pernambuco mesmo, lhes ficava immensamente superior; porque era duas vezes, tres vezes o total do preço corrente no mercado bahiano com a sobrecarga de todas as despesas de trasladação; porque, para bem dizer, naquellas infelizes provincias, esse genero não tinha tarifa, comprava-se, custasse quanto custasse, pelo preço que a especulação, que não tem entranhas, quizesse impor ao desespero da fome.

O Sr. Carneiro da Rocha:—Muito bem!

O Sr. Ruy Barbosa:—Não deixo ainda o meu guia, Sr. presidente. Chego á penultima das theses liberaes, que preestabeleci. (*Lendo*): «... Se, «por um caso extraordinario, fôr insufficiente o «para-raio, isto é, se o deficit fôr mais forte do «que o excesso ordinariamente entregue ao estrangeiro; se fôr necessario, não só deixar de «exportar, como importar, o commercio, que des- «empenhava um desses serviços, desempenhará «o outro, para o que não lhe falta nada: seus «capitães, seu material, sua sciencia achão-se á «disposição da procura, e lhe correspondem, «pondo em contribuição, a favor della, o mundo «inteiro.» Não será claro que o caso extraordinario previsto ahí não tem comparação sensata com o nosso? que está extremamente longe, e é absolutamente distincto d'elle? Na hypothese figurada convinha aos interesses da classe mercantil, não só deixar de exportar, como importar; porquanto a elevação do preço, consequencia da escassez no mercado nacional, asseguraria á especulação, no paiz, vantagens superiores, não só ás da venda dos cereaes indigenas no mercado estrangeiro, como ás da venda ordinaria do artigo similar estrangeiro no mercado interior. Supponhamos, porém, uma exaggeração insólita, inaudita como a do preço da farinha no Ceará, preço com que

os consumidores aqui não podião concorrer, preço de que nem approximar-nos podíamos. Imaginae essa fascinação, tentando o commerciante com a perspectiva de ganhos fabulosos, de fortunas improvisadas á custa de uma especulação facil e sem riscos. Dizei-me: não é evidente que o resultado seria diametralmente opposto áquelle? que o interesse positivo, irresistivel do commercio, neste caso, no nosso, estaria justamente, não em deixar de exportar, e importar, mas, pelo contrario, em não importar nada, e exportar tudo? (*Apoiados. Muito bem.*)

A ultima objecção que da theoria liberal podia deduzir o nobre deputado contra as medidas municipaes, consiste no perigo de afastar, de afujentar do nosso, de distrair para outros mercados a farinha que, de centros productores extra-provinciaes, podia affluir para aqui. (*Lendo*) «Não ha negociante, que não perceba que todo e «qualquer commerciante preferirá sempre transportar os seus cereaes para um mercado livre e a levar-os a um mercado sem sahida.»

Não contesto essa verdade; reputo-a, até, indiscutivel. A questão, porém, está em saber se, nas circumstancias correntes, havia alguma possibilidade razoavel de estabelecer para o nosso mercado uma corrente importadora de farinha. Digo, e sustentarei, que não! Com a enormidade incrível a que ascendeu, nas provincias famintas, o valor desse artigo de subsistencia commum, toda a exportação da farinha dos diversos centros productores no sul fatalmente havia de convergir para alli, arredando-se, sob a pressão de um interesse tão palpavel, de um mercado, como o nosso, onde a fome ainda não subjugava o consumo ás exigencias menos escrupulosas da especulação. Tenho, Sr. presidente, no intelligente commercio desta capital, com alguns dos seus mais honrados e esclarecidos membros, relações que cultivo; e não perdi occasião de praticar com elles sobre este assumpto. A isso devo informações, d'entre as quaes posso offerecer-vos um exemplo, que, n'um só traço, dá-nos idéa exacta da situação. Haverá talvez um ou dous mezes, aportava no Recife um navio, procedente de Santa Catharina, com um carregamento de 9,000 saccas dessa mercadoria. Ao proprietario da carga, como era natural, não se fizeram esperar procuras vantajosas, uma das quaes offerecia pelas 9,000 saccas 160.000U, o que, suppondo, contra o carregador, inclusive o custo do genero e as despezas de exportação, um desembolso de 10U por sacca, cifra já exaggerada, importava em seu favor o lucro prodigioso de *setenta contos* naquella viagem só! Cuidão, porém, que elle accéttasse de braços abertos a proposta? Rejeitou-a; e fez véla para o norte, em busca do Ceará, cujo torrão queimado pela secca e cevado, pela fome, de victimas humanas, era, aos seus olhos, o Eldorado. (*Muito bem.*)

Ora, o maximo a que subiu aqui a farinha superior foi 14U, a retalho; e o povo poz as mãos na cabeça; e clamou-se que a fome estava ás portas. Como, portanto, havíamos de competir com aquelles que por essa mercadoria davão, em grosso, em grandes carregamentos, 16U, 17U e 20U, que,

portanto, não podião retalhar-a senão a preço superior a 20U, a 17U, a 16U, quando, nesta cidade, o de 14U, o de 12U era já inacessivel aos recursos das classes populares, e semeava nellas o desgosto, o medo, a irritação, todos os sentimentos da parte material de nossa natureza acordados pela necessidade e estimulados pelos exploradores, que em taes occasiões não faltão nunca? Como esperar que o commercio, cuja lei é, natural e legitimamente, o interesse, o commercio das provincias meridionaes desprezasse essas vantagens deslumbrantes, com que o norte lhe acenava, para vir trazer-nos, com sacrificio dellas, por módico preço, a mercadoria a que, com alguns dias apenas mais de viagem, ia encontrar compradores por um preço desmesuradamente alto? (*Apoiados*) Era impossivel, bem vêem. Logo, as medidas municipaes não corrião o risco de arredar para outros mercados uma importação que não tinha hypothese de procurar o nosso.

Reunindo agora os elementos que a analyse destacou, podemos acarear lado a lado a situação que os economistas descrevem com a nossa. O quadro delles é este: uma nação no meio de outras nações, um mercado no meio de outros mercados, um centro productor no meio de outros centros productores; uma lavoura cultivada ao mesmo tempo em pontos diversos e dispersos do globo, onde as condições do solo e do clima não podem ser uniformes, e que, portanto, a secca, as pestes vegetaes, os accidentes da terra não podem abranger simultaneamente; um cereal colhido, em todas ou quasi todas essas varias regiões agricolas, superabundantemente, de modo que o excesso ordinario do consumo local, entregue ordinariamente ao consumo estrangeiro, sirva de reserva para as necessidades nacionaes nas epochas de crise; emfim, para os casos de insufficiencia dessa reserva, as sobras da produção peregrina em disponibilidade, como recurso prompto, satisfactorio, completo contra o perigo de fome. Eis a situação geral. Observae, porém, a nossa: não é um paiz entre outros paizes; é uma provincia no meio de outras provincias do mesmo estado, isto é, diversas secções de uma região comprehendida quasi integralmente na mesma zona; é, portanto, entre esses diversos centros productores, que não estão disseminados nos diversos climas da terra, mas presos entre si, como continuação uns dos outros, uma identidade quasi absoluta de condições phisicas, meteorologicas agricolas; é a ausencia total do mesmo genero alimenticio, ou a diminuição sensivelmente extraordinaria de sua colheita em muitas, na maior parte das provincias productoras, durante a mesma estação; é um genero que só se produz neste Imperio, numa secção delle, e apenas quanto baste para o seu consumo interior; é, por conseguinte, o immenso desfalque, o sorvedouro temeroso que a secca deixou, e prolonga, sem reparação ou attenuação possivel nesses recursos com que as nações mutuamente se supprem nessas occasiões terriveis; é, emfim, em tres ou quatro provincias devastadas, um preço desmedido, indefinido, inacessi-

vel a nós, que só a fome na sua extrema phase explica, é esse preço arrastando a si invencivelmente o excesso dessa produção em duas ou três províncias inferiores, cuja safra inteira não bastaria talvez para encher o vazio aterrador daquelle penuria sem fundo, sem limites, quasi sem horizonte de esperança. (*Muito bem.*)

Logo, se tão profunda, se tão oppostamente diversas innegavelmente são as situações, as regras applicaveis a estados tão contradictorios não podem ser rigorosamente identicas. (*Apoiados.*) Se a nossa posição local fosse a de uma nação productora entre outras nações produtoras no terreno da concurrencia universal, não hesito em reconhecer que o espirito das medidas municipaes seria funesto. Não ignoro as lições da historia a esse respeito. Não me esqueço, por exemplo, que, em 1812, d'entre todas as capitães da India ingleza, Bombaim, a unica que não prohibiu a exportação, foi a unica onde a fome não penetrou; que, cuido eu, nesse mesmo anno, na Toscana, um decreto grã-ducal, attentatorio da liberdade do commercio de cereaes, determinou, antes de executado, uma penuria, que com a revogação dessa medida infeliz desapareceu em continenti; que aos Paizes Baixos, cujo trigo não é nacional, não faltou jamais esse artigo de nutrição commum; que na Belgica, em 1857, se me não engano, os ministros, com os dados estatísticos em punho, vierão declarar que a prohibição da sahida encarecera manifestamente o preço dos generos naquelle paiz, e urgia abolil-a. Está vendo o nobre deputado a lisura com que argumento: reforço, até, com factos eloquentes, que S. Ex. não mencionou, as lecções historicas para que appellou aqui.

Mas o que affirmo, e deixei demonstrado, vem a ser que é falsa a applicação dessas lições. Para abastecer-se do trigo que lhes mingua no mercado local, tinha Bombaim, noutros centros de produção accessiveis ao seu commercio, o genero similar, tinham a Toscana e a Belgica, tinha, e tem, a Hollanda o excesso habitual da colheita desse artigo nos Estados-Unidos, na Polonia, na Hungria. Impedindo, portanto, coercitivamente a sahida ao exiguo producto de safras insignificantes, o unico resultado esperavel, o resultado inevitavel era inspirar justas desconfianças aos exportadores estrangeiros, e, portanto, distanciar do paiz os beneficios que a livre circulação dos cereaes ter-lhe-hia seguramente grangeado. Mas aqui onde é que se verificação essas condições? Quando é que o conjuncto da produção das tres ou quatro provincias poupadas pela sêcca podia chegar para, depois de supprido o consumo interior, abastecer a vastissima região do norte, onde a sêcca não deixou senão esterilidade e ruina, reservando-nos ainda uma parte, com que concorresse ao mercado bahiano? ou como imaginar, sem insensatez, que o commercio da farinha, desdenhando os preços incomparavelmente exorbitantes do mercado nas provincias famintas, viesse, com a sua presença no nosso concorrer para a depressão do valor de um genero, que, nas provincias flagelladas, pro-

cura-se como se procura a vida, capitulando ás mais exigentes leis da especulação mercantil? (*Muito bem.*)

Hão de convencer-se, pois: não é o principio da liberdade que está em lide. Se o fôra, eu não faltaria ao meu posto, não deixaria de estar, neste ponto, como em todos, ao pé da bandeira do partido a que pertenceo pelo sangue, pela tradição domestica, pelo coração, pela razão, por quantos vinculos sérios, profundos, eternos podem associar um homem, nesta vida, a um sentimento ou a uma idéa. (*Muito bem.*)

Depois, se neste litigio estivesse empenhada a liberdade commercial, coubesse a quem coubesse o direito de atirar a primeira pedra contra a municipalidade, a quem com certeza isso não podia tocar nunca é aos deputados que nesta casa representão a opinião conservadora. Foi esse partido quem difundiu, quem enraizou, quem universalizou, digamos assim, no Brazil os erros protectionistas; quem lhes entregou o paiz; quem os organizou, consagrou, e perpetuou nas nossas leis, nos nossos regulamentos, na nossa praxe administrativa. (*Apoiados e não apoiados.*)

E agora que os preconceitos de origem conservadora senhoreião o animo publico, não é a parcialidade a cujo dominio tem estado entregue quasi exclusivamente esta terra, e a cuja influencia devemos agradecer a vulgarisação dessas idéas falsas, que assiste o direito de denunciar como crime no governo actual o não afoitar-se a emprehender, nos primeiros dias de sua gestão, logo no meio de uma crise alimenticia, uma reacção decidida contra esse perigoso estado moral do povo. (*Apoiados e não apoiados.*)

Eis a resposta que a opposição teria provocado, se um estudo mais intimo do assumpto não viesse, como claramente, ha pouco, estabeleci, tranquillisar por outro lado a minha consciencia. A contra-prova ahi a tendes á mão. Feri, em qualquer parte, a liberdade commercial; e a consequencia immediata será infallivelmente a facticia aggravação dos preços, que, mediante providencias taes, se planejarem attenuar artificialmente. Ora, aqui o que está succedendo, é precisamente o opposto: o preço corrente da farinha começa a decrescer (*apoiados e não apoiados*), e tudo leva a suppôr que essa progressão descendente continuará. Portanto, como as leis economicas, as verdadeiras leis, não se frustrão, não contraproduzem nunca, a conclusão vem a ser que, se a consequencia natural não existe, é que a causa que a havia determinar, e que vós suppondes, não passa de imaginaria. (*Apoiados da direita.*)

O nobre deputado a quem especialmente me dirijo, inserindo aliás neste debate a apreciação dos actos municipaes que reprova, associou-se, com tudo, a nós na idéa fundamental do projecto pendente. Em favor delle estou dispensado, pois, de qualquer ponderação justificativa. Apoio-o, sem ligar-lhe uma importancia decisiva, vendo nelle um meio de diminuir um pouco, a beneficio do povo, as especulações do mercado, de tornar menos sensivel a crise, não de eliminá-la; porque males dessa ordem não se eliminão senão,

permittão-me a phrase, pela *força medicatriz* da propria natureza; e, dentre todos os systemas, o menos arriscado, nestes casos, é o expectante. (*Muito bem.*) (*Lendo*) «As crises», dizia com razão um economista que sobre as crises commerciaes escreveu um solido livro, o Dr. Juglar, «as crises, como as doencas, parecem «uma das condições da existencia das sociedades «onde o commercio e a industria dominão. Podem-se prever, adoçar, evitar até certo ponto; «póde-se facilitar a renovação ordinaria das transacções; mas supprimil-as, até o dia de hoje, apezar «das mais varias combinações, ainda não foi dado a «ninguem.» Não attribuo, pois, ao projecto senão esse valor relativo, que aliás reputo bastante para assegurar-lhe o meu voto.

Mas, Sr. presidente, ao firmarmos esta authorização, da qual esperamos algum allivio aos vexames da menos favorecida classe do povo, o nosso primeiro, o nosso impreterivel dever, dever de consciencia, de lealdade e de patriotismo, dever para com a nossa razão, para com a nossa escola, para com o nosso mandato, é fallar a esta população intelligente, moderada, generosa, mas profundamente impressionada, mas arriscada a transviar-se pelas suggestões ruins da necessidade, a linguagem da verdade e da justiça....

O Sr. Antonio Euzébio:—Apoiado.

O Sr. Ruy Barboza:—.... dolorosa talvez entre as afflicções da hora presente, mas util, vivificante, civilisadora sempre, sempre retemperadora da alma, sempre inspirativa de resoluções sãs, necessaria sempre á creação desse cabedal de fortaleza, de bom senso, de fé no direito, (*apoiados*) que, mais bemfazejo ás nações do que a fecundidade da terra e as chuvas do céu, é o preventivo menos fallivel e a reserva mais segura contra crises desta ordem. (*Muito bem.*) Os povos que não sabem ouvir com respeito essa linguagem, estão abaixo do nivel da liberdade moderna, dessa liberdade cheia de grandezza, mas cheia tambem de encargos, que detem o homem e a multidão diante do direito de cada um dos nossos semelhantes, como uma barreira insuperavel ás mais altas soberanias deste mundo, como uma inviolabilidade eternamente sagrada. (*Muito bem.*)

Se considerasse os meus comprovincianos, que me escutão, como uma turba de fracos, um conjunto de creaturas sem virilidade moral; se não os tivesse, pelo contrario, como um povo de homens, de fortes, de cidadãos dignos desse fóro da mais nobre nobreza; se não visse em grande parte delles o germen dessas individualidades vigorosas, de que se faz a massa das nações adultas e livres, eu, desconsolado do futuro de minha patria, deixaria a outros o papel, inconsciente ou perfido, mas, em todo caso, indigno de mim, infimo em todo caso, de requintar-lhes o instincto da animalidade, irritado pela mais sensível das privações materiaes. (*Muito bem.*) Com o alto juizo, porém, que faço do espirito, da indole, da hombridade civica da população bahiana, não hesito em assumir francamente a minha missão de seu representante, que é, ao mesmo tempo, a de conselheiro seu, desenganando-a de illusões traido-

ras, a que a tendencia da occasião e as feições do projecto que vamos votar concorrão, contra as intenções d'elle, para dar curso na circulação das convicções populares.

Para o individuo, Sr. presidente, como para as grandes collectividades humanas, a vida é um combate incessante contra o mal, uma lucta, frequentemente coroada de victorias gloriosas, mas toldada tambem de longos e lutosos revezes, pelas nossas legitimas, pelas nossas permanentes, pelas nossas crescentes aspirações. Para essa lucta, entre cujas tempestades a liberdade recebe sua vida, sua tempera, sua força; para esse combate, em cujas fragoas se forjão os caracteres, se improvisão os herões, se revelão os genios, se emancipão os povos, se immortalisão as gerações, nasceu o homem com as potencias admiraveis de nossa alma e as forças, os attributos, as aptidões prodigiosamente flexiveis do nosso organismo. E por isso, porque essa é a nossa riqueza original, esses os instrumentos divinos da nossa prosperidade, essa a condição elementar de nossa vida, por isso, dessas forças de nosso corpo, dessas faculdades de nossa alma é cada um de nós o proprietario absoluto, exclusivo, supremo. Claro está que a essa soberania do homem sobre a sua personalidade physica e espirital corresponde uma soberania coexistente, congenere, coexistente sobre a acção exterior, os efeitos, o producto individual dessa personalidade.

Distincções subtis quizerão estabelecer que esse dominio de cada um sobre os fructos de sua actividade menos directo é, menos adherente á substancia do nosso ser, do que aquelle nosso direito de senhorio intimo sobre essas energias vitais, sobre essas aptidões creadoras á cuja custa se mantêm, se rege, se fecunda a existencia humana. São argucias, porém, essas, a que a sciencia mais observadora já fez justiça, e despreza; porque, na realidade essencial das cousas, mais inherente não é á constituição moral do homem, á sua integridade organica, essa supremacia interior sobre as nossas faculdades naturaes, do que o emprego livre dessas faculdades na esphera visivel da creação, a independencia das suas manifestações domesticas ou sociaes, a propriedade soberana de todas as suas emanções, de todas as suas obras, de todas as suas conquistas. Não ha entre esses dous dominios solução de continuidade: um é a projecção, o seguimento, o complemento necessario do outro. (*Muito bem.*)

Menos dono não é o agricultor dos cereaes que extrahiu da terra com o suor do seu rosto, do que da intelligencia que o guiou no eleger o solo, no escavar o sulco, no distribuir a semente, no discernir as quadras, no acautelar das intempéries, no amanhãr a planta. Menos senhor não é o operario do artefacto mais ou menos precioso que lhe sae das mãos, do que dos braços, da actividade intelligente, da habilidade profissional que o executarão. Menos proprietario não é o banqueiro dos capitães que crea, emprega, explora, prospera, accumula, multiplica, do que dessa experiencia pessoal, desse instincto mercantil, desse tino financeiro, que o habilitão a conduzir

acertadamente os negócios da sua especialidade por entre o labyrinth das especulações de credito, de cambio, de banco, de desconto. Tão intima, tão illimitada, tão inaufervelmente pertencem ao individuo a sua acção como as suas forças, a sua industria como a sua acção, as suas obras como a sua industria. Dispor autonomicamente das creações do seu genio, da sua vocação, da sua sciencia, da sua applicação laboriosa, consumil-as, permutal-as, negocial-as, onde, quando, como convenha aos interesses do productor, essa uma das fundamentaes necessidades humanas, necessidade que, felizmente, está á sombra, não só do principio individualista, como do interesse social. (*Muito bem.*)

Ahi, nesses limites sacrosantos, nenhuma força pôde metter a mão sem crime, nenhuma autoridade, nenhuma legitimidade, nenhum sacerdocio—nem as egrejas, nem as coróas, nem a policia, nem a administração, nem a legislatura—ninguem! nem o povo. Nem o povo; porque, a par da soberania do povo sobre os seus proprios destinos, levanta-se a soberania do individuo sobre si mesmo, e ácima de ambas a soberania do direito, que reciprocamente as limita, e a uma e outra respectivamente contém nas suas respectivas esferas. Nem o povo, pois; porque a tyrannia, ou seja imposta por um autocrata ao povo, ou exercida pela democracia contra o individuo, é sempre a tyrannia; e não sei, Sr. presidente, dessas duas fórmãs da mesma abominação, se mais odiosa não é ainda a que esmaga o direito inviolavel de uma unidade humana, inerme, reluctant e vencida, sob o peso bruto da maioria extorsora, do que aquell'outra, cuja garantia de permanencia, cuja defeza habitual, cuja quasi justificação ás vezes estão precisamente na inconsciencia, na passibilidade servil, na pusillanidade moral, na corrupção ou na inercia, no tácito assentimento, em summa, da maioria opprimida e resignada ao seu envilecimento. (*Muito bem.*)

Segue-se dahi, portanto, que impor ao trabalho, ao capital, á producção um mercado, uma transacção, um preço, é attentar contra a ordem providencial do destino humano. (*Muito bem.*)

O pretexto de protecção á industria, de nacionalisação do commercio, de apoio ás classes operarias, de assistencia ás indigentes, não justificaria jamais essa tentativa liberticida. (*Apoiados.*)

Se, por exemplo, em auxilio á agricultura, de dia em dia mais abalada, nesta provincia, entre outras causas, pelo rareamento progressivo do braço escravo, um decreto legislativo prohibisse aos braços livres buscar, n'outra parte, um genero de lavoura menos agro, menos pernicioso á vida, mais bem retribuido que a cultura da canna; se, em incentivo á edificação predial, á construcção naval, ás fabricas nacionaes, á nossa industria nascente em todos os ramos, um acto do parlamento fixasse o maximo ao salario do obreiro, do mechanico, do artista, o povo teria o direito, e teria o dever, de repellar essas imposições anachronicas, estupidas, oppressivas, de negar a sua confiança aos seus deputados, e contestar-lhes o caracter de seus representantes, dizendo-lhes

firmente:—Não! a mão que inculcaes estender ao trabalho, não traz ao trabalho senão ruina. Essa lei é a servidão, a espoliação, a consagração legal do roubo. O meu suor é exclusivamente meu. De taxal-o só a mim pertence o direito. A ninguem mais! (*Muito bem.*)

Mas tambem, se, em inintelligente obsequio a um appetite, a um preconceito, a um erro, a uma apprehensão das classes consumidoras, legisladores houvesse assaz ignorantes ou assaz fracos, para constringer as classes produtoras sob a pressão do systema prohibitivo, a iniquidade, a violencia, a extorsão não seria menor, nem menos injusta, nem menos contraproducente, nem menos fatal assim aos nominalmente protegidos como aos esbulhados implicitamente por esses impostos irrationaes. (*Muito bem.*)

«Na essencia», (quem falla é o mais moderno dos grandes economistas inglezes, Macleod) «não vae muita disparidade entre a idéa envolvida no «systema prohibitivo e o trafico de escravos. Ao «mesmo proposito armão ambos mediante methodos um pouco dessemelhantes. Ambos têm «por fim habilitar uma classe de homens a senho-«rear-se dos fructos da industria alheia,—um «pelo methodo mais grosseiro da força, o outro «pelo mais apurado systema da fraude. Quando o «homem injusta e violentamente priva a outrem «de sua propriedade, o methodo peculiar que «adapte para vingar o seu intento, não influe consideravelmente no aspecto moral do facto.»

Ora, Sr. presidente, a servidão, a espoliação, o roubo (consintão-me a expressão; não sou eu, é a sciencia, são economistas da maior distincção que inflingem a esse systema esse stygma) a servidão, a espoliação, o roubo não são menos illegitimos porque se perpetrem em nome do povo. (*Apoiados.*) Mas ainda aqui, Sr. presidente, mercê de Deus, a justiça está, como sempre, comquanto nem sempre o percebão, sob a sancção da utilidade geral. (*Apoiados.*)

Esses appellos ao interesse nacionalista, esses argumentos com apparencia de base nas necessidades populares nunca forão, não são, não podem ser senão ignorancia ou cilada. A theoria prohibitiva, quer sobrecarregue o consumo em apparente beneficio da producção, quer onere a producção em beneficio apparente do consumo, tem como effeito necessario, captivar, isto é, esterilisar o commercio, entorpecer o trabalho, rarear a producção, avultar os preços, limitar o consumo, engravescer, portanto, a pobreza, o descontentamento, o perigo commum... (*Muito bem.*)

O Sr. Antonio Euzebio:—Apoiado.

O Sr. Ruy Barbosa:—Num como no outro caso, a primeira, a mais constante, a mais flagellada victima é por força o povo, enganado de uma miragem. (*Muito bem.*)

O Sr. Antonio Euzebio:—Apoiado.

O Sr. Ruy Barbosa:—Fallarão-lhe em engrandecimento da patria, em invasão do paiz pelo monopolio estrangeiro, em imminencia da fome, em fraternidade e egualdade. Desvairarão-n'o com essas phrases triviaes. E o resultado, toda

vez que ella não tenha comprehendido, toda vez que não saiba comprehendêr que o seu verdadeiro interesse está na liberdade sem restricções, o resultado foi, é, será sempre, inevitavelmente, a recrudescencia dos seus soffrimentos. (*Apoiad-os.*)

O systema prohibitivo, applicado ao commercio, á industria, a qualquer das expressões do trabalho, é essencialmente uma fórmula socialista; e o socialismo, que promete aos povos a egualdade na abundancia, é, sim, a egualdade, mas, conforme a definição do mais liberal, do mais illustre, do mais popular dos economistas allemães, conforme a definição de Schultze-Delitzsch, a *egualdade na miseria*. Esta verdade acha-se hoje elevada á cathogoria de um axioma scientifico. A abundancia, a prosperidade, a riqueza hão de se distribuir, na sociedade, livremente—não ha outro meio—hão de se distribuir livre e naturalmente na sociedade, como o sangue nas veias, como o oxygenio no ar, como o calor na atmospherá, como a seiva na vegetação, como os succos nutritivos na terra, como a agua nas arterias fluviaes, como as correntes no oceano, como a vida no universo. (*Muito bem.*)

Cumpra não deixar insinuar-se nos animos populares a supposição falsa, absolutamente falsa, de que o pão do povo, a abastanca do povo, a salvação do povo esteja nas mãos do governo.

O Sr. Antonio Euzebio:—Apoiado.

O Sr. Ruy Barbosa:—E' um serviço patriótico abrir-lhes os olhos, mostrando-lhes que o Estado não pôde liberalisar ao povo senão o que do povo mesmo extraia; que o thesouro não enche as suas arcas, senão desfalcando a bolsa dos particulares. (*Muito bem.*)

Para os governos e para as nações, não conheço erronia de effeitos praticos mais frequentes e mais damninhos, do que essa que no estado e no povo considera duas entidades de existencia independente. E, a proposito, não sei resistir ao desejo de recordar-vos um trecho de um celebre economista, cujas obras são, nestas materias, o catechismo do bom senso. «Ora ahí estão», diz Bastiat (*lendo*), «de um lado o publico, do outro «o Estado, encarados como dous entes distinctos, «este com o encargo de derramar sobre aquelle, «aquelle com o direito de reclamar deste a torren-te das venturas humanas. Que acontecerá? «De feito, o Estado não é maneta, e não n'ó pôde «ser. Duas mãos tem: uma que recebe, outra que «dá; por outra, uma rispida, outra suave. A acti-«vidade desta está necessariamente subordinada á «actividade da primeira. Em rigor, é possível que «o Estado tire, sem restituir. Tem se visto esse fa-«cto, e explica-se pela natureza porosa e absorven-«te de suas mãos, que em si retêm sempre parte «do que tocão, e ás vezes tudo. Mas o que nunca se «viu, o que não se verá nunca, o que não se con-«cebe sequer, é que o Estado forneça ao publico «mais do que lhe haja tomado. Bem estultamente «andamos, pois, os que em roda delle assumimos «a humilde postura de mendigos; porque radical-«mente impossivel lhe é proporcionar uma van-«tagem especial a algumas das individualidades

«que constituem a communidade, sem causar «damno ainda mais forte á communidade in-«teira.»

A liberdade moderna, a liberdade christã, a liberdade individualista, a verdadeira liberdade, isso de que todo mundo falla, e que bem poucos, neste paiz, sabem o que é, exclue essa noção perigosa do Estado, que lhe attribue a prerogativa de intervir em tudo quanto ha, de invadir o terreno do direito privado, em nome desse interesse impalpavel, dessa mentira que se chama *razão de Estado*, ou *salvação do povo*. Essa phrase funesta sobresahiu sempre, no arsenal do despotismo, entre os seus instrumentos de espoliação mais prestadios. Por uma facilidade filha da sua simpleza, onde quer que a sua educação é, como entre nós, apenas um *desideratum*, o povo, não sabendo premunir-se contra os exploradores da sua credulidade, está ordinariamente disposto a applaudir os excessos officiaes, que tendão a forçar, a coartar a liberdade dos felizes, para servir o interesse dos necessitados; a persuadir-se de que a escala dos preços no mercado pôde ser feita arbitrariamente de um decreto; a suppor á sua soberania o privilegio de limitar a acção do individuo no exercicio dos seus direitos essenciaes. Acautelemol-o contra esses paradoxos fataes. Digamos-lhe que em cada um delles se esconde uma armadilha á singeleza da sua confiança; façamos-lhe sentir que a carestia e a barateza da alimentação commun estão sob a dependencia de causas naturaes, em cuja direcção a vontade e a sabedoria dos governos não têm senão uma influencia indirecta e lenta; mostremos-lhe que em torno de cada um de nós existe um dominio reservado—a expressão exterior da nossa consciencia, das nossas crenças, da nossa fé, a escolha da nossa profissão, o roteiro da nossa vida, a disposição de nossa propriedade—; provemos-lhe que a soberania da nação, em não acatando esses direitos, tão respeitaveis quanto ella, perde immediatamente a sua legitimidade, a sua constitucionalidade, a sua grandeza; ensinemos-lhe que os membros de um povo livre hão de tirar cada qual de si mesmo o seu futuro, não dos favores da administração, cujo fim liberal é apenas impedir que o perturbem no trabalho dessa urdidura inviolavel; convençamos-lhe de que não é o Estado quem faz os cidadãos, mas os cidadãos que fazem o Estado; repitamos-lhe que o poder abrange o exercito, a marinha, a diplomacia, a policia, a administração, a justiça, a legislatura, mas não abrange, não pôde abranger a personalidade, a originalidade, a responsabilidade individual; leyemol-o, emfim, a ver que na realidade inalteravel dessa ordem que não é senão a mechanica da liberdade, jaz o segredo perenne, a perenne garantia da salvação publica. (*Muito bem!*)

Sem religião, sem moral, pelo menos, sem educação, sem industria, sem commercio, o Estado não subsiste; porque falta-lhe o meio, falta-lhe o ambiente, falta-lhe o objecto de suas funcções, que é estabelecer derredor de tudo isso uma atmospherá de segurança, de justiça, de paz, onde a satisfação de todas essas necessidades humanas,

onde todas essas manifestações da humana actividade gyrem e se desenvolvão livremente. Mas o que não é condição de vida para o Estado, nem de estabilidade para a ordem, é o protecçionismo commercial, a nacionalisação artificial da industria, uma moral privilegiada, uma religião monopolista. Infiltrando no povo essas noções solidas, educando-o assim, demos-lhe a grande, a simples, a genuína intuição, a intuição liberal do papel do Estado nos governos modernos, do seu ideal. Cumpre não concentrarmos no Estado todas as cousas, para não fazer delle o centro de convergencia a todas as ambições, a todas as audacias, a todos os resentimentos. Se o povo esperar do Estado mais do que aquillo, ai desse povo! ai de sua soberania! ai de sua liberdade! ai de sua moralidade! ai de sua civilisação! ai do seu dinheiro! ai de seus filhos! Metteu voluntariamente a cabeça no jugo de Cesar, um Cesar igualista, democratico talvez, mais sempre Cesar, inimigo sempre da liberdade. (*Muito bem.*) Bem dizia um publicista, cujos livros eu quizera que fossem diuturnamente versados pelos liberaes de minha terra; bem dizia Laboulaye: «Representante da nacionalidade e da justiça, o Estado é a maior e a mais santa dentre as instituições humanas; é a fôrma viva da pátria. Mas, se transpõe o seu dominio, não é mais do que uma tyrannia; malfazejo, arruinador e fraco, nada o embarça então, é certo, mas também nada o sustenta.» (*Muito bem.*)

Ora, dentre todas as esperanças servis que o povo pôde empregar no Estado, não diviso nenhuma talvez tão corruptora, como a que vê na administração o celloiro popular, e espera della o pão barato. Quando o povo romano chegou ao mais ignobil grau de venalidade, a moeda com que o absolutismo lhe comprava a honra, a liberdade e o sangue foi essa: *panem et circenses*, espectaculos e pão. Não acho, portanto, que seja um acto de grande coragem dizer, como o faço daqui, aos meus concidãos, ao povo, de onde procedo e de onde nunca hei de sair: Vosso pão haveil-o de tirar da vossa intelligencia, da vossa probidade, do vosso trabalho. Nesse terreno, conte cada um comsigo, e com aquelles que livremente associar a si; e não se illudirá. (*Muito bem.*)

A nós legisladores, cada um de cujos actos é necessariamente para o povo uma leccão, util ou perversiva, cumpre não perder de vista o mais meticuloso cuidado em occasiões como esta. Má conselheira é a fome, especialmente para a multidão, em cujo seio há muitos instinctos bons, muitas tendencias nobres, muitos impulsos desinteressados, mas ha tambem as paixões da ignorancia, da indigencia, da força. Quando, portanto, a necessidade, que, creio eu, desde que o mundo é mundo, não tem lei, lhe estiver surdamente despertando n'alma esses sentimentos cegos, importa reagir, com certa prudencia, no sentido opposto, avivando-lhe esses sentimentos contrarios, de abnegação, de paciencia, de esperanza, de altivez, de fé no trabalho, de odio á injustica, tão profundos no povo, mas tantas vezes entibiados, e, entretanto, tão necessarios, tão salvadores nesses tempos de provação. (*Muito bem.*)

Sei que as democracias têm suas intolerancias. «Em certos pontos ha menos tolerancia «nos Estados Unidos que na velha Europa. «Quando capacita-se de que tem razão, facilmente se torna despótica a democracia, e não «soffre as divergencias de parecer.» Não são inimigos da democracia os que o dizem; aliás não teria eu quem n'ó viesse repetir aqui. E' Tocqueville, é Stuart Mill, é Laboulaye, são os mais decididos entusiastas daquella nação incomparavel e os mais esclarecidos amigos da democracia liberal. Mas essas impaciencias, essas intolerancias não me intimidão, nem me fazem desamala. Defeito é esse que entre os homens achareis sempre associado á exuberancia de seiva, de vida, de juventude, de genio, de energia. O que importa aos que, como eu, como nós, somos filhos della, e com ella podemos ter, portanto, todas as franquezas da consanguineidade, o que importa é arrostal-a com affectuosa severidade, nesses casos, appellando para ella mesma, para os sentimentos que formão a base da sua natureza, e constituem a condição de sua força. (*Muito bem!*)

Quando as crises alimenticias dizimão a subsistencia do povo, o pobre pão de sua mesa, vozes absurdas, incriveis percorrem as camadas populares, preparando surdamente a desordem. E' inconcebivel o grau de extravagancia dos sonhos que o delirio da fome e a malignidade dos especuladores espalhão nos espiritos a que a miseria tira a luz. Isso ainda entre as nações onde a vida publica tem educado o povo, e onde mais generalizada é a instrução. Melhor do que eu haveis de conhecer as carregadas peripecias dessas crises, neste seculo, em Franca, na Belgica, no Reino-Unido, na Suecia, na Hespanha. Atravez dessas sombras, por entre expressões do ridiculo mais perfeito, da mais comica excentricidade, ha traços de raiva destruidora, de colera selvagem. Em Londres homens houve de tal insanía, ou tão seguros da insanía alheia, que, crimiando os traficantes sem consciencia, grotescamente os accusavão de ir buscar, a 73 shillings, na Turquia o trigo que a Russia, a um terço talvez dessa distancia, lhes estava offerendo a 20. Em Pariz, durante a visita da rainha áquella capital, davão-n'a os boatos como foragida á fome, em busca do pão francez, por não n'ó haver mais nos seus estados. Em Upsal, em Karlsrona, em Bruxellas, para baratear o pão, e multiplicar os cereaes, espedaçavão-se padarias, e destruíão-se grandes provisões de trigo. Aqui, nesta cidade, não fique esquecida a truanice perversa, o grito parvo e mau de «carne sem osso e farinha sem caroco», que, por mais irrisorio que seja, e por mais inoffensivo que pareça, foi a senha, entre nós, de um movimento sedicioso, de uma farça de violencias, cujo desenlace bem cheio de sangue podia ter sido. Essas pobrezaz de espirito, essas irrisões, esses superlativos do grotesco e da estupidez, nos intervallos illudidos do povo, têm tido no seio delle sua seriedade, seu credito, sua influencia perturbadora. Que responsabilidade extraordinaria a que pesaria, pois, sobre uma assembléa livre, que, em momentos destes, pactuasse

com a demência do terror, sem animo de illuminar a razão publica, sem a franqueza de apresentar-lhe a face dolorosa, mas real, mas inevitavel, mas sincera, da questão! (*Muito bem! Apoiados.*)

Assim, Sr. presidente, adoptando este projecto, a que não descobrimos senão um alcance occasional, instantaneo, por assim dizer (*apoiados*), —se adherimos a elle, porque, emquanto, de um lado, não nos parece despresivel o beneficio, ainda limitado e ephemero, das suas disposições, representa-se-nos, de outro lado, afinal de contas, innoxio aos artigos de fé da nossa eschola—persistimos, todavia, em collocar n'um grau muito inferior a utilidade dessa assistencia material, e em sustentar a necessidade suprema, a efficacia admiravel da *assistencia intellectual*, que implanta e consolida no paiz a comprehensão da verdade social, da austeridade civica, das fortes qualidades moraes. Essa é a que principalmente lhe devemos, como cidadãos e como homens, todos os cuja patria é esta, e, acima de todos, os seus legisladores electivos. (*Apoiados.*)

Bem vê, pois, o nobre deputado que, por um infundado sobresalto, deu rebate aqui aos amigos da liberdade: essa idéa tem por si adeptos que a não desamparão. (*Apoiados.*) Bem vê que, opinando por este projecto, como defendendo a municipalidade, estamos na profunda convicção de que ficão illesos os grandes dogmas do credo liberal. (*Apoiados. Muito bem.*) Por mais apaixonado alumno de Adam Smith que seja o nobre deputado, ha de me dar licença, portanto, de que, pelo menos, reivindique um logar na sua fila. (*Muito bem.*)

Fui talvez, Sr. presidente, demasiadamente longo nesta parte. Abusei da assembléa. (*Não apoiados.*) Assumptos ha, porém, que captivão, e arrastão; e aqui declaro que, neste, onde o nobre deputado foi bolir, está uma das cordas mais sensiveis da minha convicção, da minha crença, do meu fervor politico. (*Muito bem.*)

Agora, Sr. presidente, já que estamos liquidando principios, discutindo os que a cada um de nós governão aqui, espero que a casa não me leve a mal apurar um ponto, da maior gravidade para a fracção liberal desta assembléa, ponto que entende com a honestidade publica e a consciencia individual dos que nos sentamos deste lado.

Proclamou-se o nobre deputado a quem me tenho referido, o Dr. Antonio Eusebio, o unico liberal de toda esta deputação....

O Sr. Antonio Eusebio:—Mais ou menos.

O Sr. Ruy Barbosa:—Teve esse arremesso singular a sua palavra, quando S. Ex., agigantando-se a si mesmo, e *pygmeificando-nos* (deixem passar o neologismo), e *pygmeificando-nos* aos que aqui nos embalamos na persuasão de servir a liberdade, pregou-se maior—elle só—do que nós todos. Compreheende o nobre deputado que não venho medir o tamanho a S. Ex., nem a mim, nem aos meus amigos. Essas affeições de tamanhos sempre arranharão a verdade humana... ainda a do tamanho physico, em que não me metto, porque não me sahia bem. (*Riso.*) Quanto ao intellectual, da melhor vontade reconhece-

remos ao nobre deputado as dimensões que quizer, pois tem direito ás maiores. O moral... esse é complexo; e nós não somos aqui sentençaes de consciencias. E', portanto, ao grau da nossa dignidade, da nossa felicidade, da nossa sinceridade, do nosso posto, e da legitimidade delle, nas fileiras liberaes, que alludiu. Foi a esse aspecto que S. Ex., revendo-se não sei em que espelho, soffreu essa illusão optica, em que lhe apparecemos a elle como uns nadas, e S. Ex. a si proprio como um tudo. O nobre deputado evidentemente não gracejava, quando abalançou-se a essa hyperbole, o que levar-me-hia a assombrar-me da sua audacia, se não soubesse que a boa fé é possivel ainda nas situações mais perdidas.

A' exacção ou inexactão do asserto que, nesta tribuna, aventurou o nobre deputado, está inseparavelmente ligada a historia do partido liberal na Bahia ha dez annos; e é essa historia que me manda, a mim, como um dos que nella tiverão parte mui obscura (*não apoiados*), mas mui resoluta, mui notoria, mui constante, demonstrar que S. Ex. inverteu os papeis; que delle especialmente é que não podia levantar-se contra nós a averbação de infieis ao passado liberal....

O Sr. Alexandre Herculano:—Apoiado.

O Sr. Ruy Barbosa:—... que os instrumentos de observação com que S. Ex. examinava a sua pessoa e as nossas, tinham, não sei por que combinação lisongeira ao nobre deputado, a propriedade singular de trocar-nos as posições.

Agora mais do que nunca, já vejo, Sr. presidente, ser-me-ha precisa a benevolencia da casa, desde que um dos incentivos que me acompanharão na primeira parte do meu discurso, os applausos do meu antagonista, vae cessar de todo, e vou ter certamente o desgosto de perder essa adhesão.

Viva ainda ha de estar em todos os que me ouvem a impressão das circumstancias em que enctou, nesta provincia, essa intrepida luta opposicionista de dez annos o partido liberal. Legara elle ao governo que lhe succedeu todas as vantagens patrioticamente accumuladas n'um dominio tão breve em annos quanto carregado de difficuldades...

O Sr. Carneiro da Rocha:—Muito bem!

O Sr. Alexandre Herculano:—E de gloria.

O Sr. Souza Gomes dá um aparte.

O Sr. Carneiro da Rocha:—Um exercito e uma esquadra pelo menos.

O Sr. Ruy Barbosa:—... deixando-lhe, não só uma esquadra e um exercito, como bem suggere o meu nobre amigo....

O Sr. Souza Gomes dá um aparte.

O Sr. Ruy Barbosa:—... não só uma esquadra e um exercito; porque, agora, em todos os tempos, aqui e em toda parte, se, nas grandes campanhas, o brio nacional é a alavanca dos grandes triumphos, o governo é a intelligencia, é a direcção, é o motor, sem um governo que seja a expressão da honra do paiz, sem um governo que esteja na altura das virtudes da patria, sem um governo digno della, inuteis são as mais altas

qualidades populares, e ao governo, portanto, ha de caber um largo quinhão nas ovações...

O Sr. Carneiro da Rocha:—Apoiado.

O Sr. Souza Gomes:—Por egual. A victoria teve logar no dominio dos conservadores.

O Sr. Ruy Barbosa:—... não só o credito do paiz assegurado, apesar das despezas inevitavelmente enormes da guerra, não só vantagens do maior alcance politico, num paiz onde a eleição é ordinariamente obra do poder, e a magistratura ainda se não separou dos interesses de partido, não só vantagens, quaes essas, de uma magistratura por prover n'uma extensão immensa e de onze cadeiras vagas na casa vitalicia do parlamento, mas tambem, sementeos, desvelados, amadurecidos nos dias e sob os esforços da nossa administração, os louros dessa esplendida pugna dos cinco annos, desprendidos quasi, quasi a cair ao proprio peso da sua gloria, á espera apenas da mão que se estendesse para colhel-os, mão que devia ser a do merecimento, a do direito adquirido, e foi... a da fortuna. (*Muito bem. Apoiados da direita.*)

O Sr. Arthur Rios:—Não apoiado.

O Sr. Ruy Barbosa:—Foi então, sem valer-lhe nenhum desses titulos, que sobre o partido liberal caiu o açoitado de 16 de julho. Resignando, podemos dizer assim, o governo, para não subscrever a renuncia de um dos principios constitucionaes que sustentamos, sahiamos, como tinhamos entrado, tendo por unica riqueza a nossa popularidade, as nossas idéas e a nossa confiança no seu futuro. Houve, entretanto, no meio de nós patriotas assaz crentes, assaz desinteressados, para, entre as desillusões daquella surpresa, não desfallecer um instante, e metter mãos ardentemente a essa propaganda militante que iniciámos logo; houve corações bastante fortes, e sobre todos, nesta provincia, um cujo nome não careo declinar—está na gratidão e na admiração do paiz—(*apoiados; muito bem*), um que eu chamaria o genio da iniciativa, o genio da actividade, o genio da reconstrucção politica (*muito bem*), não resisto á satisfação de nomeal-o, o conselheiro Dantas (*muito bem; apoiados*), para emprender, para inaugurar, nesta provincia, a grandiosa obra dessa organização nossa, que dez annos de adversidade se manteve, que continua a estar de pé, que não estremeceu ainda, que não depende senão de si mesma, e com que a Bahia póte contar para a preservação de sua dignidade de provincia de primeira ordem entre as suas irmãs. (*Muito bem. Apoiados.*)

Conhecendo que a liberdade sem a imprensa é como a intelligencia sem a palavra, como a vontade sem a accção, foi nella que primeiro fitou os olhos esse bahiano benemerito, esse benemerito brasileiro, a quem as fadigas do governo não tinhamo cansado de servir honradamente a nação.

O Sr. Carneiro da Rocha:—Muito bem.

O Sr. Ruy Barbosa:—Ninguem, nesta casa, ignora essa pagina de nossa vida contemporanea, que os nobres deputados, amigos ou adversarios nossos, apreciarão, certo, diversamente, mas, em relação á qual, de um e outro lado, serão, espero,

unanimos os que estiverem de boa fé, em fazer á nossa laboriosa propaganda a justiça de reconhecer-lhe uma firmeza, de que não encontrarão, neste paiz, muitos exemplos rivaes, e nenhum superior.

O Sr. Carneiro da Rocha:—Apoiado.

O Sr. Ruy Barbosa:—Orgão creado para essa opposição, para esse partido, para essa politica, e logo, e mais tarde, e constantemente, e até hoje abraçado, aclamado, nutrido, consagrado por elles, surgiu então, com toda a vivacidade de uma fé que a nobreza de nossa quêda alentava, o *Diario da Bahia*, entre muitas esperanças n'um certo circulo de almas temperadas para a luta, aos olhos das quaes o cumprimento do dever, ainda com certeza da ruina, é a primeira consolação de todos os soffrimentos, e cuja confiança na força decisiva da verdade não tem eclipse, mas tambem entre o sorriso desdenhoso dos espiritos hostis e as duvidas, até, de alguns amigos, dos melhores, estes scientes de que no Brazil ainda se não aguentara duradouramente empresa jornalística de tal vulto, sem largas e profundas raizes mercantis, ou sem o concurso milagroso da aura official, convencidos aquelles (julgando-nos por si) de que com o governo pela prôa, a ousadia dessa tentativa era uma impostura de um dia.

Rirão; mas quem riu por ultimo fomos nós, e rimo-nos melhor; porque d'aquelles primórdios, já tão grandes, mas tão incertos e tão desdenhados, subiu, cresceu, floresceu, radicou-se, creou vida propria, futuro seu, independencia superior ás vicissitudes politicas, o *Diario*, que, hoje, nas mãos da idéa liberal e para os seus proselytos, para os seus martyres, para os seus servidores victoriosos, é uma força, um refugio, um norte, e a imagem da nossa bandeira. (*Muito bem. Apoiados.*) Viu-se então este facto, de que, neste imperio, não havia lembrança: uma folha politica daquella marca, a maior das da provincia, d'entre as politicas do paiz talvez a maior, alimentada exclusivamente pela adhesão de seu partido no decurso de um tormentoso decennio, sem laços directos ou indirectos com a administração, sem contribuintes senão voluntarios, senão o desinteresse da familia liberal, ou o interesse dos estranhos, que a importancia, a circulação e o credito da gazeta lhe grangearão: sem adherencias escusas, por onde, á custa de transacções mais ou menos criminosas, que a letra redonda as mais das vezes não denuncia, mas que não escapão á perscrutação social e ao desprezo dos homens de bem, a subsistencia lhe viesse obrepticamente do dinheiro constrangido e inconfessavel dos indifferentes: sem nada, emfim, que a luz meridiana da publicidade não pudesse inundar, descobrir, de um momento para outro, aos olhos de todos com orgulho nosso. (*Muito bem.*)

O Sr. Carneiro da Rocha:—Apoiado.

O Sr. Ruy Barbosa:—Esse exemplo de tão incansavel perseverança, de uma tenacidade tão longa, de uma ausencia tão completa de pretensões officiaes, n'um paiz onde a iniciativa particular é apenas uma aspiração, onde tudo quanto não respira na atmosphaera administrativa, definha,

e fenece, onde os partidos políticos não vivem, por assim dizer, senão de espasmos intermitentes, merece as exortações dos homens sérios, ainda adversos: porque um inimigo nunca se honra tanto, como quando comprehende e confessa a fraqueza, a virtude nas fileiras oppostas. (*Apoiados*).

Foi, entretanto, essa *fe de officio* que o nobre deputado, o acerrimo dos nossos inimigos nesta casa, que não sei se veio sentar-se em nossa bancada para nos chegarem mais á queima-roupa os seus tiros, de um sópro seu desfez. Num dos seus recentes editoriaes, praticara o *Diário* o crime, a inconfidencia de citar Guizot. A folha da soberania do povo dera o braço ao homem da soberania da razão. A verberadora do poder pessoal apparecera em publico mão por mão com o ultimo ministro de Luiz Philippe. O órgão da liberdade escrevera uma palavra espuria: *ordem*. Logo, provado estava que o *Diário* enrolara a bandeira, arrependera-se dos dez annos, ou mais provavelmente nunca fôra senão um esperto feliz. Era um conservador até então finissimamente disfarçado, que, afinal, por descuido, mostrava a ponta da cauda; e nella estava impressa esta revelação, esta retractação, esta sentença: Guizot. Ora, ahi estava o *Diário* colhido em flagrante!

Desaso do *Diário*! Cuidar que a liberdade lucra ás vezes em mostrar que a ordem não se divorcia della! Suppor que, para fazer brecha ao poder pessoal, que é a peor das desorganisações politicas, mal não ha em achar a proposito uma phrase incisiva na bocca dos que, por servil-o, perderão-n'o a elle e a si! Crer que nunca uma idéa nossa váe tão limpa de suspeição, como quando o pavilhão hostil a cobre com uma dessas confissões que são a involuntaria homenagem do erro á verdade! Imaginar isso! Não via que sobre os seus dez annos de perseverança, de apostolado, de sacrificios o nome de Guizot era um traço? (*Riso*).

Fallemos sério. Perguntou-me outro dia o nobre deputado se desse editorial o autor seria eu, que com tanto calor me sahia por elle. Presarme-hia de sel-o. Direi, até, que o sou; porque ha entre nós os daquella redacção, e, num circulo muito mais amplo, entre nós os deste partido, uma solidariedade de honra. Mas, uma vez que S. Ex. leva em gosto sabel-o, dir-lhe-hei (devo render este preito a um notavel talento, mais notavel ainda pelo seu brilho do que pela sua extraordinaria precocidade): o publicista foi o Dr. Rodolpho E. de Souza Dantas, actualmente o redactor em chefe do nosso órgão, uma das esperanças mais sérias e já uma das realidades mais uteis deste partido. (*Apoiados da direita*.)

O Sr. Alexandre Herculano:—E' um dos melhores talentos desta provincia.

O Sr. Ruy Barbosa:—A vivacidade, pois, com que defendemos aqui o *Diário da Bahia*, vem de que a elle está identificada, nesta provincia, a nossa honra commum, a nossa coherencia liberal; e é uma superficialidade indigna da intelligencia do nobre deputado ver em uma simples menção de Guizot naquellas columnas uma quebra dessa coherencia tão cuidadosamente zelada por nós. Hei de mostrar ao nobre deputado que esse timbre

nosso em toda a historia desses arduos dez annos não recebeu agora desmentimento nenhum, que essa congruencia não teve solução de continuidade.

Guizot, Sr. presidente, não é somente o politico emperrado, cuja resistencia á reforma precipitou a França, em 1848, nessa revolução de cujos erros o segundo imperio foi o desgraçado fructo. Asua individualidade tem faces distinctas, algumas das quaes reflectem luz mui favoravel ás instituições modernas. Historiador modelo pela profundez e pela severidade, por assim dizer, positivista de sua critica, philosopho grave, não basta que os seus discursos, os seus opusculos de occasião e a sua vida official andassem cheios da paixão reaccionaria, contra-revolucionaria, anti-democratica, para que uma interdicção nos cerrasse as suas obras, para que dos labios não nos pudesse sahir o seu nome senão entre fel, para que um trecho dos seus escriptos não pudesse apparecer nos nossos senão como um começo de lepra. Desconfiados sempre, concordo, como liberaes, na leitura dos seus livros, não podemos, todavia, esquecer os serviços de suas lecções historicas ao systema parlamentar, a influencia salutar dos seus estudos sobre as instituições britannicas, a sua justificação da revolução americana, as suas bellas paginas sobre Washington e a democracia nos Estados Unidos, a sua apologia do movimento municipal, da transformação social, da revolução parlamentar que, no seculo dezeseite, assentou, em Inglaterra, as bases desse governo que todos hoje invejamos.

O Sr. Carneiro da Rocha:—Apoiado.

O Sr. Ruy Barbosa:—Não foi elle quem concluiu o seu admiravel curso de *Historia da civilisação na Europa* com aquellas palavras eminentemente liberaes, digno remate de tão grandioso monumento? «O dever», dizia elle então, (*lendo*) «e, creio eu, o merito peculiar de nossa epocha é reconhecer que todo poder, quer intellectual, quer temporal, quer pertencente a governos, quer a povos, a philosophos ou a ministros, quer se exerça em favor desta, quer daquella causa, que todo poder humano traz em si um vicio natural, um principio de fraqueza é abuso, e que nos deve induzir a limital-o. Ora, só a liberdade geral de todos os direitos, de todos os interesses, de todas as opiniões, a manifestação livre de todas essas forças, sua coexistencia legal, só esse systema é capaz de cohibir a cada força, a cada poder nos seus limites, inhibil-o de usurpar aos demais, fazer, em summa, com que o livre exame subsista realmente e em proveito de todos.» Não está nestas linhas inteiro o espirito da liberdade moderna? Onde iria o nobre deputado encontral-a esboçada com mais elevação, em traços mais amplos? (*Apoiados*.)

Entre o calvinista francez, portanto, e os liberaes adiantados como nós, não havia só o abysmo; algum ponto de approximação existia tambem. Nem dez annos de cansadissima lida em favor de uma idéa, de um partido, são uma bolha de sabão, que á simples invocação de um pensamento do doutrinario francez, quando esse pen-

samento não fosse, como era aquelle, apenas uma verdade elementar, deslizesse em nada. (*Apoiados da direita.*)

Qual era, porém, Sr. presidente, esse pensamento, cuja adopção constitue o nosso peccado mortal? Dissera Guizot, e nós cahimos em repetil-o, que, «quando um paiz sahio da ordem, o primeiro progresso está em volver a ella»,—observação tão trivial no seu bom senso, que podiamos tel-a enunciada por nossa conta, sem referenda de autoridade, e tão commum a todos os partidos, salvo os da anarchia ou do nihilismo, que o radical mais fogoso podel-a—hia articular, sem das suas exaggeradas aspirações demover-se uma linha. (*Apoiados.*)

Quer o nobre deputado, porém, que *ordem* alli seja synonymo de reacção. Mas é evidentissimamente uma interpretação abusiva. Não ha naquellas palavras um programma, uma politica, mas simplesmente uma regra de methodo rudimentar. Na escala material, como na escala social, no mundo dos factos, como no das idéas, o primeiro passo de toda observação intelligente, o trabalho preliminar a toda a reforma é a inauguração da ordem. Na sciencia, como ha de um Bacon ou um Comte comecar a sua obra renovadora, sem dar aos elementos confusamente accumulados pelos seus antecessores a classificação, a disposição, a symetria da ordem? No governo dos estados, como hão de metter mãos á obra do futuro um Cavour, um Deak, um Thiers, sem estabelecer préviamente a ordem entre as conquistas do passado? Em politica, salvo os meios revolucionarios, em politica constitucional, as instituições actuaes são o caminho para as instituições que se aspirão. Logo, é regularizando as instituições vigentes, quando se desordenarão, que o paiz ha de chegar ás instituições anheladas. Guizot, portanto, allí não firmava um systema, não arvorava uma bandeira; emittia despretenciosamente o juizo que sobre a especie emittiria qualquer homem sensato. (*Apoiados.*)

É tanto assim é, que apontarei já a S. Ex., num papel de finissimos quilates liberaes, exactamente o mesmo tópico do conservador francez. Ahi vou, já sei, fornecer ao nobre deputado, contra o *Diario*, mais um artigo de critica. Ahi vem talvez S. Ex. tachal-o de andar bicando citações de segunda mão nas gazetas estrangeiras. E' o que succede aos que, sem amor proprio pueril, apanhão a verdade, onde a encontrão. O publicista de quem fallo, é Carlos de Mazade, cujo liberalismo está acima de toda excepção, e cuja autoridade não é das mais obscuras.. Ninguem desconhece os seus escriptos sobre a politica européa, que o mundo todo lê. Aqui tem o nobre deputado, na *chronica da quinzena, Revista dos Dois Mundos*, numero de 15 de março deste anno, pag. 474, o que diz esse illustrado collaborador desse periodico cosmopolita (*Lendo*): «Com a ordem interior de um paiz acontece o mesmo que com a ordem exterior, diplomatica, do mundo. Quando elle sahio da vida regular, e deixou as plagas pacificas, para arrojar-se a aventuras, laborioso e frequentemente contraria-

«do é o regresso. Não é em continenti, e de uma vez, que se alcança resolver esse difficil problema, de que fallava Guizot, dizendo que o progresso, para quem sahio da ordem, está em tornar a ella... A Franca, que bem azares tem corrido, a atravessado bastantes procellas, procura penosamente o porto, onde descanse, e repare as suas avarias. Algum tempo ha que se empenha com particularidade em reerguer-se das suas ultimas crises, em recobrar certo equilibrio, em readquirir alguma fixidez entre as confusões e oscillações que lhe creão os partidos. Boa vontade emprega nesse proposito, não pedindo aos que a seu cargo têm conduzil-a, e são muitas vezes os primeiros a agital-a, senão alguma vigilancia, algum desvelo pelos seus interesses, um comeco desse progresso, aparentemente tão simples, e tão difficil de realizar: a ordem ao abrigo de instituições regularmente estabelecidas... Afinal, d'entre as nações, não é só a Franca que encontra suas difficuldades, e tem que debater-se penosamente por effectuar esse progresso, de que a phrase philosophica de Guisot fez de antemão o programma e o resumo da historia contemporanea.»

Ora, ahi está: o apophtegma de Guizot, que, na estimativa do nobre deputado, é uma senha de partido e um symbolo de reacção, é, na estimativa do illustre publicista liberal, uma noção philosophica, a expressão de um progresso aparentemente facil, mas difficulosissimo em realidade. Isso satisfaz aspirações republicanas, e não satisfaz as nossas!..

Mas., quando a phrase de Guizot fosse equivoa, e podesse encobrir intenções reservadas, bastava ao nobre deputado ler o resto do nosso editorial, ou não esquecel-o, para não vir aqui esgrimir em vão. Nelle, de feito, e no subsequente, que o completou, ficou o nosso pensamento assaz accentuado em termos accessiveis aos engenhos mais obtusos, quanto mais ao de S. Ex.

O primeiro, que é o *corpo de delicto* do nosso liberticidio, resava, a 14 de abril deste anno, assim (*Lendo*):

«Guizot pronunciou algures este conceito, que ficou celebre: quando se tem sahido da ordem, o progresso consiste em voltar a ella. Conceito profundo, que applica-se ás circumstancias actuaes do nosso paiz com perfeitissima justeza. «Limpar de todos os destroços o terreno da administração; reconstruir um a um os deteriorados elementos de governo que a ultima situação legou-nos como unica verba de seu testamento; em summa, voltar á ordem, restaural-a, firmal-a, consolidal-a, tal o primeiro progresso que hoje incumbe ao partido liberal realizar na direcção do paiz. A ordem é o reinado pratico, o dominio real, effectivo, inviolado da lei; e esta foi o que a ultima situação conseguiu, desde seu principio, reduzir á letra morta, substituindo inteiramente por sua vontade a vontade da nação; preferindo cuidar dos seus interesses partidarios a velar pelos interesses publicos; annullando desde logo a representação livre do paiz; collocando-se impavidamente superior á fiscalisação da opinião

«e á do parlamento—*seu designado*—na gestão dos negócios geraes. Não é pouco trazer uma *«nação á posse de si mesma*, chamal-a á consciência de seus direitos, *investil-a no uso de sua soberania*, restaural-a na fiscalisação que lhe compete sobre todos os poderes publicos, e instituidos por sua delegação. *Só assim é que se pôde verdadeiramente dizer de um paiz que elle vive na ordem. O meio de conseguil-o é restaurar em toda a sua pureza a verdade da eleição e a verdade do orçamento*, cousas ambas que ao passado dominio havia alcançado reduzir á perfeita burla, e que não poderã existir antes que a liberdade eleitoral seja decretada, antes que ao parlamento, não aos ministros, fique pertencendo prática e exclusivamente o direito de legislar sobre a receita e a despeza publica, e confeccionando os orçamentos.»

O segundo, que ha de ser, cuida, a materia da nossa *reincidência*, dizia, dous dias depois, isto (*Lendo*):

«O partido liberal não vive, não querera, nem devera, nem poderá viver senão *para realisar as reformas liberaes por que pugnou em opposição!* Essas reformas porém hão de ser feitas constitucionalmente, com o concurso do parlamento, e não dictatorialmente. Haverá tempo e razão para dizer-se que renegamol-as, se na occasião propria nos esquecermos de apresental-as, de realisal-as. Não *agora*, quando, na *ausencia das camaras*, e face á face aos destroços que recebemos como herança unica de governo, o progresso consiste, segundo a phrase de que usámos, e com a qual concluímos, em restaurar a ordem na administração do paiz, isto é, em curar, na medida do que ao governo cabe, de reparar e evitar as catástrophes que a *desordem* da passada situação nos legou.»

Bem estaes vendo: em nossa mente a ordem não era um termo de jornada, um pouso de descanso, mas um introito, um ponto de partida, um preparatorio para a regeneração da nossa forma constitucional. E notae que plano immenso encerrava ella os nossos olhos: por ora, e só por ora, só na ausencia das camaras, só para não proclamar uma dictadura, *reconstruir um a um todos os elementos de governo*, que a situação conservadora nos legou desmanchados, *iniciar a verdade do orçamento*; logo depois, a *verdade eleitoral*, isto é, a eleição directa, para *restituir a nação á posse de si mesma*, e *investil-a no uso de sua soberania*; mais tarde, em fim, como consequencia desdobrada natural e fatalmente do seio dessas premissas, *as reformas liberaes que propugnámos na opposição*. Acha pouco o nobre deputado?

Na mãe patria do regimen parlamentar, na Inglaterra, diz-se que a superintendencia da legislatura sobre a despeza publica, o *power of the purse*, foi «o grande alliado da liberdade ingleza.» Acreditase lá que, para assegurar aos communs, no Estado, o poder supremo, tem concorrido acima de tudo essa fiscalisação da camara popular sobre o orçamento. E tão incomparavel cousa é essa preponderancia do parlamento, estabelecida graças á

realidade séria daquella prerogativa, que, median- te ella, operou incruentamente, em menos de vinte annos, a velha e reflectida Britannia duas verdadeiras revoluções: a reforma parlamentar, em 1832, que lord Russel qualificou de «uma grande revolução», a demolição do proteccionismo, em 1846, que Bastiat chamava a primeira revolução deste seculo, —uma contra o monopolio da aristocracia territorial, a outra contra a influencia inconstitucional da corôa. Que é, com effeito, o que, com a soberania do parlamento, nas finanças e a soberania do paiz no parlamento, ficará sendo impossivel a uma nação, a não ser o que essa nação mesma não queira seriamente? (*Apoiados.*)

E, se, em povos, como aquelle, tão adiantados, tão ciosos dos seus direitos, tão affeitos á moralidade politica, uma conquista dessas eternisa um nome, e legitima um partido, não será excessivamente soffrego o *liberalismo* do nobre deputado, que não se contente, para principiar a nossa vida official, e para popularisar um governo, com a instauração real de um systema que á Inglaterra custou dous seculos de luta, como a votação e administração do imposto pela nação contribuinte, e uma reforma que se denominou revolução, como a representação sincera de todos os interesses do paiz na camara electiva? (*Muito bem.*)

Lograe dessas duas fecundissimas idéas, uma das quaes é corollario immediato da outra, a eleição directa e a moralisação do orçamento, fazer duas realidades, e tereis erradicado esse *poder pessoal* que, de 1868 a 1878, foi o inimigo descombertamente combatido por nós. Disse o nobre deputado que esse poder inconstitucional tem sido o alvo intermitente das philippicas do partido em opposição, liberal ou conservador, contra o partido governante, conservador ou liberal; para concluir d'ahi que essa entidade é uma especie de alvo convencional aos ataques, um desabafo aos despeitos opposicionistas, contestando assim esse vicio que unanimemente affirmado tinha a opinião liberal no decurso de dez annos.

O Sr. Antonio Eusebio:—Não sei se ha poder pessoal, nem contesto.

O Sr. Ruy Barbosa:—Contestou-o, pelo menos, durante a opposição mesma, contra nós todos, a sua imprensa. Demais, posso lembrar ao nobre deputado, cuida que textualmente, a sua phrase de outro dia. A idéa do poder pessoal, disse S. Ex., tem sido, neste paiz, propriedade intermitente de ambos os nossos partidos. Não vê que esse argumento seu não provaria cousa nenhuma? que o mesmo facto deparar-se-lhe-ha uniformemente em toda parte onde o governo de gabinete passe por essa falsificação? que na Inglaterra vae achar exactamente a mesma cousa desde 1694, sob Guilherme IV, quando o nome do rei, que se negara a sancionar o bill das incompatibilidades, foi associado pela primeira vez, depois da grande revolução, nos debates da camara dos communs, á corrupção parlamentar, até á celebre mocão Dunning em 1780 contra a influencia crescente da corôa, revivida em 1822, com o fogo habitual de sua eloquencia, por lord Brougham? que essa influencia, esse poder pessoal, tambem foi alli denunciado alter-

nativamente por whigs e tories? em 1740, por exemplo, sob Walpole, por William Wyndham, o chefe dos tories? de 1777 a 1780, por Burke, por Foxs, pela brilhante opposição whig? por lord Chatam, pelo marquez de Rockingham, pelo duque de Grafton, ao deixar o ministerio? e, antes de ministros, por Shelburne e Pitt?

Digo que fundar a independencia das urnas mediante a eleição directa seria cortar a raiz aos governos de camarilha; porque, ainda quando o poder pessoal no Brazil não o fosse no mesmo sentido que o de Jorge III, todavia o nobre deputado ha de reconhecer no governo parlamentar, entre nós, uma enfermidade chronica...

O Sr. Antonio Eusebio dá um aparte.

O Sr. Ruy Barbosa:—... que, segundo S. Ex., é, parece, a subserviencia dos ministros. Seja. Aceito. Mas então como haveis de acabar com a servilidade ministerial? Reintegrae a nação no direito de eleger os seus corpos representativos, por meio de uma sólida reforma eleitoral; e desde logo, assim como as camaras ficarão sendo feitura do paiz, os gabinetes virão a ser feitura das camaras, e as camaras, que os crearem com o direito de retirar-lhes a commissão, hão de elles catar, dahi em diante, o respeito com que, antes disso, lisonjeavão essa munificencia inconstitucional, de cujo aceno erão filhos, e instantaneamente podião ser victimas. (*Muito bem.*)

Muito pouco auctorisado é o meu parecer. (*Não apoiados.*) Vêde, porém, como está cabalmente patrocinado por uma das mais altas autoridades politicas deste paiz. «Uma camara legitimamente eleita», dizia, em 1868, o Sr. conselheiro Saraiva, (*lendo*) «dará fim a essa dictadura tão funesta ao rei como ao povo, e estabelecerá o equilibrio entre os diversos poderes constitucionaes.» O que hoje dizemos é, portanto, exactissimamente o mesmo que sustentavamos na opposição. (*Apoiados.*)

O descontentamento dos que suppõem estreito o plano cuja inscripção seja—reforma eleitoral—provém talvez de imaginarem-n'a uma reforma simples, quando é a mais complexa, a mais ramificada, a mais multipla das reformas. Que quer dizer, por exemplo, a eleição directa sem as incompatibilidades absolutas? sem a reorganisação do poder judiciario? sem a radical abrogação das leis de compressão policial? sem a suppressão sincera da guarda nacional? sem a abolição de todos os systemas de recrutamento forçado? sem certas instituições descentralisadoras? Preteridas essas, illusoria seria a reforma eleitoral. Em torno della gyrão todas fatalmente, como os mundos de um systema solar em volta do seu centro de atracção commun. Abstrahí de uma só, e tereis perturbada a orbita, os movimentos, a acção de todas. Em vez de um systema, achar-vos-heis com o chaos. (*Muito bem.*)

«A reforma eleitoral», dizia ainda, na sua carta de 1868, que ja citei, o Sr. conselheiro Saraiva, (*lendo*) «não é unicamente a da lei de 19 de agosto de 1846; não é simplesmente a substituição do actual systema pelo da eleição directa; não é tambem a adopção de um plano da providencias con-

tra as fraudes, que ainda agora escandalisão os homens honestos de todos os partidos, e que só por si justificão a abstenção aconselhada pelo Centro do Partido Liberal. Não. A reforma eleitoral não será efficaz, sem que tiremos ao poder executivo toda a força que lhe foi dada para reprimir as revoltas, e de que hoje se utilisa para comprimir o voto. Assim, a reforma eleitoral de nada servirá sem a extincção do recrutamento e a substituição do actual systema, arbitrario e selvagem, pelo do recrutamento voluntario; sem a extincção da guarda nacional e a substituição dessa milicia por uma reserva do exercito que não tenha absolutamente voto nos comicios populares. A reforma eleitoral não será efficaz sem a organisação do poder judiciario constitucional e independente, para punir a fraude e o abuso de auctoridade. A reforma eleitoral, finalmente, é incompativel com essa organisação policial que possuimos, e que tirou ás autoridades electivas locais quasi tudo quanto lhes havia dado o codigo do processo criminal.»

Todas essas reformas são, portanto, implicitas à reforma eleitoral; e querel-a, e pedil-a, é pedir, é querer todas. Logo, o *Diario* não mutilou os seus compromissos sellados na opposição; cingiu-se fidelissimamente ao espirito e á letra delles. (*Apoiados.*) Se os nobres deputados ainda recordão-se bem desse escripto do eminente estadista, escripto não menos notavel pela franqueza de suas proposições reformistas do que pela destimidez com que rasgou o véu ao poder pessoal, lembrar-se-hão de que, d'entre todas as reformas politicas, uma só por só representava-se-lhe bastante grande para encher o programma liberal: a eleição directa, entendida, já se sabe, na amplitude em que, ha pouco, a delineei. «Meu parecer é», aconselhava elle (*lendo*), «que o programma contenha sómente as reformas urgentes, e sem as quaes o progresso do paiz será tardio, senão impossível. Como judiciosamente V. Ex. observa, só devem ser escriptas nelle as reformas que possam ser acceitas sem abalo da sociedade. Actualmente a aspiração mais ardente de todos os brazileiros esclarecidos, como tem sido a de todos os partidos em opposição, é—liberdade ampla de eleição, pronunciamiento franco da opinião do paiz nos comicios eleitoraes. Do falseamento da eleição derivão-se todas as nossas difficuldades politicas.»

Com esse pensamento conformou-se o programma de 1869, vasado naquelle molde. Nesse documento indelevel, que aqui trago, as reformas indigitadas são, com effeito: abolição da guarda nacional, recrutamento exclusivamente voluntario da força armada, reforma policial, reforma judiciaria, tudo isso rodeando, sustentando, inteirando a reforma eleitoral, base, eixo e cupola do programma. Onde é, portanto, que nós, que o *Diario da Bahia*, estamos em contradicção nenhuma com a bandeira do nosso passado, com a bandeira da nossa opposição, com a bandeira dos proscriptos de 1868? (*Apoiados.*)

Porque fallamos em eleição directa, sem enumerar-lhe ao pé as reformas consecutivas a essa,

collige a malicia do nobre deputado que ruminava-se o projecto insidioso de eliminá-las. Mas as consequências não estão fatalmente encerradas na premissa? Com esse desleal systema de interpretar a linguagem politica, não havia liberal, em parte nenhuma do mundo, cujos creditos de sinceridade não estivessem abalados ao sopro de qualquer sophismasinho escolastico. Não trouxesse sempre na bocca o rosario de todas as suas aspirações politicas, e estava perdido!

Lembra-me que Sheridan, em 1810, dizia: «Dae-lhes uma corrompida camara dos lords; dae-lhes uma camara dos commons venal; dae-lhes um principe despotico; dae-lhes uma côrte abjecta; dae-lh'o, deixando-me apenas uma imprensa livre; e eu os desafio a que invadão as liberdades da Inglaterra a grossura de um fio de cabelo.» Exprimia-se Sheridan, portanto, sobre a liberdade de imprensa com a mesma confiança que nós sobre a liberdade eleitoral; naquella, como nós nesta, punha todas as esperanças. Mal delle, pois, com os nossos hermeticos deante! Aquillo era um meio geitoso de transigir com a abjecção da côrte, com o despotismo do principe, com a venalidade e corrupção do parlamento! E ahí estava Sheridan, por aquelle trechosinho puro e simples, Sheridan, o amigo de Fox, o fogoso whig, o entusiasta dos principios de 89, o athleta de todas as liberdades inglezas, ahí estava elle no tamborete de réu, criminoso de anti-liberalismo!

«O problema já não é imaginar uma constituição nova», escrevia Laboulaye, ha vinte e oito annos; «o problema é tirar dos governos, *taes quaes existem*, todas as liberdades que um governo pôde e deve dar.» Se Laboulaye fosse redactor do *Diario*,—não obstante quantas idéas purissimamente democraticas e amplissimamente liberaes professara na sua *Historia dos Estados Unidos*, e professou depois no seu *Partido Liberal*, não obstante quantas lições admiraveis, da cáthedra magistral, da imprensa periodica e da tribuna legislativa tem semeado sobre a França, não obstante isso tudo—estava sentenciado. Fallar genericamente em liberdades indefinidas, e aceitar os governos *taes quaes existem*, isso tinha reservas mentaes, não ha duvida nenhuma! O satyrista do *Prince Caniche*, o americanista do *Pariz na America* estava rendido ao governo do 2 de dezembro, como nós ás seducções do poder pessoal (Muito bem.)

Ainda se depois dessa data o orgão do partido liberal nesta provincia não tivesse mais boquejado sobre os outros artigos do programma com que fizera tanta bulha, a desconfiança, posto que injusta, concebia-se: a malevolencia da inimidade podia explicá-la. Mas quando o *Diario*, que aliás tinha o direito de dispensar-se de novas profissões de fé, não satisfeito com as anteriores, tantas, tão innumeraveis quasi como os dias de nossa opposição, positivamente as ratificou este anno, depois da nossa chamada ao poder, em editoriaes tão proximos ao denunciado, querer pôr em duvida a firmeza da nossa antiga adhesão aos principios

antigos, é realmente levar muito longe a má fé ou o desmemoriamento. (*Apoiados da direita.*)

Avesso aos rodeios, ás tangentes, ás escapatorias desleaes, o *Diario da Bahia* immediatamente depois da ascensão liberal (a 8 de janeiro) fallava, em nome do partido liberal, á provincia, nestes termos incisivos:

(Lendo):

«A missão que agora nos toca não é uma mercê, mas uma necessidade publica, e ao mesmo tempo o maior dos encargos. Ninguém ignora a situação deploravel do paiz, reduzido litteralmente a *petição de miseria*. O ultimo gabinete liberal deixara n'um pé favoravel a nação, não obstante a guerra dos cinco annos com que arcamos. E, todavia, hoje a escripturação do thesouro não enumera senão titulos passivos; o credito nacional jaz arruinado no interior como no exterior; e o deficit é tal, que o seu valor apreciavel, longe ainda, entretanto, segundo probabilidades muito fortes, da realidade, é estupefado, ao ponto de ter obrigado ja estadistas conservadores a confessar no horizonte a ameaça da bancarota. Tudo está por construir, ou reconstruir, graças á ultima administração. As reformas que fez forão invariavelmente para peor. As mais graves questões, os problemas politicos mais intimamente ligados ás entranhas, á conservação de um estado regular *reclamão imperiosamente soluções*, cada qual mais séria, mais melindrosa, mais difficil. Eis a tarefa que se nos depara. Empreendendo-a, o partido liberal ha de encarar-a com a energia que ella demanda, sem illusões, como sem paixão:..... Deixando hoje a pena de opposicionistas, que, em dez annos, sempre justa com os nossos adversarios, não nos tremeu nunca, *inspira-nos a confiança de que o partido liberal honrará lealmente os seus empenhos de honra para com a nação*, dedicando as suas forças á *renovação legislativa*, politica e moral, de que depende o nosso futuro e a nossa dignidade.»

Quinze dias depois manifestavamos ainda expressamente a mesma resolução:

(Lendo):

«Nem porque por mais de uma vez tenhamos dito e repetido que a politica liberal no governo *será a mesma que reclamamos no decennio findo*, em que nos mantivemos em opposição, nos eximiremos ainda hoje de afirmar nosso pensamento, nossas vistas, nossos intuitos.»

Emfim, dous dias mais tarde, pronunciavamos de novo, em resposta ao *Jornal*, com a decisão que a casa vae apreciar:

(Lendo):

«Emquanto ao crer a gazeta hoje opposicionista que restringimos á só eleição directa o nosso programma inaugural, é puro erro da sua hermeneutica. Reconstruir as finanças de um paiz arrasadas por uma dissipação e uma delapidação de dez annos, e fundar, mediante um novo regimen eleitoral, o systema representativo, que, o collega sabe-o tanto quanto nós, as doutrinas e a ausencia de escrupulos das situações conservadoras converterão n'uma phrase ouca entre

«nós, sempre nos pareceu empresa mais que se beja para tarefa e gloria da mais bem inspirada e pujante administração. Eis o porque individualmos esses dous pontos. Mas todas as nossas declarações deixão em pé, em toda a sua plenitude e em toda a sua actualidade, o nosso grande programma inicial.

Insiste, portanto, o *Diario da Bahia* em sustentar que os problemas politicos e sociaes agitados por nós durante a ultima phase conservadora continuão a exigir solução imperiosamente; em que o governo que não metter hombros á renovação, não só moral, não só politica, senão tambem legislativa, do paiz, desrespeitará os empenhos de honra deste partido; em que a politica liberal no governo tem obrigação de ser identica á que pregamos na opposição: em que o nosso primitivo programma subsiste hoje, não só em toda a sua plenitude, como (note o nobre deputado) em toda a sua actualidade. Não particularisamos a eleição directa, não fazemos dessa idéa ponto capital, para ficar definitivamente nella, mas porque ella é a estrada real para ás outras. (*Apoiados*).

E, se o nobre deputado não perdeu de todo em todo a memoria de factos que recentissimamente occuparão a attenção geral, lembra-se por certo dessa imponente manifestação popular, que, com o apoio, o concurso, o applauso, a solidariedade do *Diario*, por occasião de subir o partido liberal, se dirigiu ao seu chefe nesta provincia. Honrado com a escolha de orador, naquelle pronunciamento solemne, n'um discurso, onde lembrava á situação nascente os seus deveres, proferi, com a adhesão unanime de nossos amigos, palavras que não me levarão a mal reproduzir agora. «Nós queremos», dizia eu, «a extincção do systema de delapidações e patotas, organizado, enraizado, inveterado, entre nós, á sombra da administração; queremos que a luz de uma severa discussão parlamentar, que o clarão de um grande inquerito desnude e estabeleça positivamente as responsabilidades, as ignominias e os crimes dessa ominosa situação, que acaba de expirar; queremos que o governo principie vida nova; queremos a inauguração do regimen representativo mediante a eleição directa; queremos as reformas liberaes, a emancipação da consciencia, as garantias individuaes sem restricções capciosas, o direito de associação na sua plenitude, a reorganisação da justiça, a descentralisação administrativa, a enthronisação da lei, em vez do arbitrio que flagella, esterilisa, e avilta o paiz; queremos a moralisação do orçamento; queremos a liberdade fundada; queremos a soberania popular respeitada; queremos praticada a verdade constitucional. Sêde os orgãos da opinião nesse movimento reorganizador. Este o unico fundamento largo, profundo, estavel dos vossos legitimis interesses, da vossa prosperidade no paiz, da vossa longevidade ao governo. Ou isso; ou, quando não, uma existencia inutil, ephemera, incerta, valetudinária, ganha dia por dia a troco de um vexame, de um desar, de um remorso, de um abatimen-

to da frente; ou isso, ou, no outro caso, a decomposição lenta, o aniquilamento irreparavel, a destituição popular. Ahi tendes o dilemma!» E estas palavras forão acolhidas pelo Sr. conselheiro Dantas sem reserva absolutamente nenhuma.

Quão aerea não é, pois, a pécha de inconsciencia irrogada a nós pelo nobre deputado! Se S. Ex. tivesse interesse em esclarecer lealmente o paiz sobre a sua situação para conosco e a nossa para com elle, não esqueceria provas como essas, não saltaria assim pelas peças decisivas deste processo.

Occupando-me tão detidamente com o *Diario da Bahia*, Sr. presidente, não me animei a estender-me tanto, senão porque não fazia a defesa de uma gazeta, mas a defesa de um partido, que com ella se consubstanciou. (*Apoiados da direita*).

Direi agora ao nobre deputado, Sr. presidente, que, se alguém, nesse periodo em que o partido liberal tanto se embebeu no espirito da nação, se alguém, nesse periodo em que o nosso coração devia palpitar no coração della, deslembrou-se da liberdade, e fugiu do povo, esqueceu-lhe os direitos, não foi, certamente, o *Diario*, não forão os chefes sob os quaes elle pelejava, não forão os cidadãos cujo patriotismo o alimentou até hoje. (*Apoiados da direita*).

— Volvamos, por um instante, a memoria aos tristes incidentes occorridos, nesta capital, em julho de 1875: a indisciplina militar determinando ferimentos e mortes na solemnidade mais popular da Bahia; o cadaver de um cidadão obscuro, victima da cegueira das bayonetas, acompanhado até o ultimo jazigo pelo séquito mais imponente, mais commovido que esta cidade já presenciou, uma onda immensa de almas perturbadas, a população inteira, todas as classes, as mais illustres, as mais ricas, as mais numerosas, todas impellidas por um movimento espontaneo, de luto, consternadas, sombrias, apoz o modesto féretro de um artista; a exaltação publica estimulada ao mais alto grau; um delirio de execração contra a tropa; todos os bons amigos do povo inquietos ante uma situação que podia desfechar em muitas desgraças. Em circumstancias taes o partido liberal, que, nessa conjunctura, foi a salvação da ordem (*não apoiados da esquerda; apoiados da direita*), convenceu-se de que, se á sua popularidade, e a ella só, competia a tarefa de moderar, no povo, os impetos de uma irritação inspirada em sentimentos generosos, mas arriscada a excessos; se lhe cumpria fillar ao povo no respeito á autoridade, tambem, por outra parte, dever seu era, por quantos laços o identificão á democracia, recordar ao governo os seus encargos para com o povo. O partido liberal não podia persuadir-se de que a consciencia do direito no povo seja um perigo em caso nenhum; cria, pelo contrario, que dessa consciencia, illuminada pela reflexão do dever, é que havia de resultar-lhe a firmeza contra a violencia daquellas impressões. Deliberou-se, pois, dar, e deu-se effectivamente, a lume, no dia 3 de julho, um manifesto, que assi-

gnarão os mais conhecidos nomes liberaes desta provincia.

D'aqui em diante, para narrar o episodio significativo que pretendo rememorar, deixarei a palavra ao Sr. Cons. Dantas (*Lendo*) «Na redacção primitiva do manifesto», (é elle quem falla) «dizia eu: O governo que saiba cumprir o seu dever, com a certeza de que, se o não souber, o povo sabel-o—ha compellir a isso *pelos meios que ahe facultão a constituição e as leis.*» Advirtão bem os nobres deputados: o direito cuja idéa espartavamos no povo, continhamol-o, nós mesmos, na orbita da constituição e das leis, que, cuidou eu, não são nenhuma sediciosas, nem devem enfiar uma autoridade moralisada. O tópicio do manifesto não encerrava, portanto, senão paz, ordem, legalidade. Mas era a legalidade sob o direito, os *direitos constitucionaes do povo* defrontando com os do governo; e isso houve a quem não agradasse.

Continúa a honrar o meu discurso com o seu testemunho o nosso chefe: (*lendo*) «O Sr. Dez. Luiz Antonio» (prosegue o Sr. Cons. Dantas) «na occasião em que mandei-lhe o manifesto para assignar, lembrou a substituição desse periodo pelo seguinte: Confieamos que o povo saberá cumprir o seu dever nesta grave conjunctura.» Assim, nos termos desse substitutivo, ficava o povo com a carga dos seus deveres completa; mas os seus direitos havião desaparecido, por uma synalepha... *liberal*. Decididamente a constituição e as leis são, no meio do povo, um rastro de polvora ou um facho de petróleo. A respeitabilidade popular, as leis e a constituição não podião ser decentes n'um papel firmado por amigos da democracia e da liberdade! Todos os direitos para o governo, todas as obrigações para o povo... e estava satisfeita a liberdade e a democracia do proponente.

O Sr. Antonio Eusebio:—Foi aceita essa modificação?

O Sr. Ruy Barbosa:—Não, senhor, não foi. A modificação reduzia o quinhão do povo a deveres pura e simplesmente. Nisso consistia o seu característico. Que fez o Sr. Cons. Dantas? (*Lendo*) «Addicionei-lhe», diz estas palavras: *certo de que o povo zelará também os seus direitos.* Está no *Diario* de 7 de julho de 1875. Esse acrescimo evidentemente restaurava o pensamento original; direitos do governo e *direitos do povo*, em vez de *subordinação do povo unicamente e direitos unicamente do governo*, como suggeria a emenda.

O nobre deputado, que com o delicto de uma innocente citação de Guizot entendeu pulverisar-nos, ha de reconhecer que, para caracterisar as intenções a que S. Ex. serve, esse incidente mais algum valor tem, mais algum alcance historico, do que aquelle com que S. Ex. nos quiz convencer de desertores para os quartéis da reacção.

O Sr. Antonio Eusebio:—Declaro que não encontro esse alcance historico que o nobre deputado encherá.

O Sr. Ruy Barbosa:—E' possivel que não n'ó tenha aos olhos de V. Ex.; é natural, até; mas, perante o juizo desta provincia, perante o do paiz,

tel-o—ha de sobra, para demonstrar, pelo menos, que não somos nós os que em epocha nenhuma preterimos, desconhecemos a legitima ingerencia do povo na reivindicacção dos seus direitos. (*Apoiados nas galerias.*)

O Sr. Presidente:—Attenção!

O Sr. Ruy Barbosa:—E, como o nobre deputado veio mover, imprimindo-lhe toda a solemnidade desta tribuna, este pleito contra nós, em apologia do seu liberalismo, urge abrir o plenario, e levar-o até os termos precisos para que a opinião publica, em cuja barra estamos, por querella de S. Ex., profira esclarecidamente a respeito das duas partes a sentença a que estamos uns e outros sujeitos.

A politica que o meu illustre amigo Dr. Rodrigues da Silva appellidou aqui de *archeologica*, aquella a cujo serviço estão actualmente os dentes do nobre deputado, a quem respondo, talvez já não tivesse mais hoje a coragem de invocar tão desassombradamente as reminiscencias do passado que assoalha, se o povo penetrasse tantas circumstancias, que se velarão até hoje no sigillo da nossa intimidade generosa e leal, mas que a honra do nosso partido e os nossos deveres para com o paiz ir-nos—hão porventura constringendo a devassar.

Foi o nobre deputado um dos presentes á reunião reservada, que, na casa do *Diario da Bahia*, celebrou, em 1875, o partido liberal, nas vesperas de encetarem-se aqui as operações da conscripção. A influencia a que é filiado S. Ex. começara a saber mal a linguagem, que não era senão a mesma de todos os espiritos liberaes em toda parte do mundo, com que o nosso orgão verberou essa malfazeja instituição, que, em parlamentos constitucionaes, e da bocca de oradores de primeira ordem, recebeu já o nome de «infame». Se deveriamos manter-lhe, ou attenuar-lhe o diapasão, era o ponto em controversia. Por nosso lado, invocando todas as tradições de nossa escola, sustentavamos a necessidade instante, patriótica, indeclinavel de enfeixar todos os meios de uma propaganda calorosa, mas legal, de concentrar todas as forças de uma opposição constitucional, mas vigorosa, contra essa contrafeição do militarismo europeu. A isso oppoz o Sr. Dez. Luiz Antonio uma theoria que, entre liberaes, nunca ouvi, antes nem depois, contra a qual então julguei-me obrigado a pedir a palavra e protestar com toda a firmeza de minhas convicções. Segundo S. Ex., convertida em lei uma idéa, por impopular que seja, como aquella, o papel da imprensa opposicionista é d'ahi em diante emmudecer.

Contrariei-o, notando que as agitações pacificas da palavra, oral ou escripta, nos meetings ou no jornalismo, contra leis odiadas e odiosas nunca fizeram senão bem ás instituições livres, e mal nunca fizeram senão ás instituições oppressoras; que esses pronunciamentos intelligentes da opinião têm sido, nos paizes modelos, como a Inglaterra, os Estados Unidos, a Belgica, o primeiro tramite para as reformas constitucionaes e a mais poderosa valvula de segurança para a ordem.

Mas o Sr. desembargador affincava se á idéa

supinamente illiberal, profundamente reaccionaria, inexcusavelmente retrógrada, que aventara. Então, dirigindo-se a elle, pronunciou o Sr. Dr. Leão Velloso estas palavras: «Não forão estas, Sr. desembargador, as lições que, em 1848, recebi, no *Seculo*, de V. Ex. e do Dr. Barbosa de Oliveira.»

O Sr. Carneiro da Rocha:—Apoiado. Dou testemunho disso, porque estava presente.

O Sr. Ruy Barbosa:—«Não tenho nada com o *Seculo*», replicou S. Ex.—«Nem ao menos a solidariedade moral, a responsabilidade politica?»—disse-lhe então, de sua cadeira, maravilhado, o Sr. Cons. Dantas. O Sr. desembargador não respondeu.

O Sr. Carneiro da Rocha:—Fui testemunha disso.

O Sr. Ruy Barbosa:—Dezeseis ou dezoito pessoas, convocadas áquelle conselho, quasi todas vivas, e, destas, todas capazes de vir depôr sem dependências, cujos nomes se derão á luz, dous ou tres dias depois, subscriptos a uma declaração publicada na primeira columna do *Diario*, testemunhas attonitas daquella scena, ahí estão para desmentir-me, ao que as provoco, se não a expuz com a miuda exactidão de um chronista, de um tachygrapho quasi dil-o-hia, pois cada uma daquellas palavras sulcou-me a memoria para sempre.

Mas, Sr. presidente, dos tempos a que a antiguidade liberal de S. Ex. leva as suas primeiras raizes (porque não quero ir a 1837; não vou metter-me pela penumbra dessa epocha; e, demais, era um pouco desnatural a successão daquella para a de hoje), desses tempos qual é a personificação visível até hoje, senão o *Seculo*? Honro esse nome com soberbia; porque nós os liberaes *não historicos* ainda o temos como uma recordação gloriosa entre os nossos penates politicos; e, enquanto a mim, além de tudo, alguma cousa da alma estremece-me, ao pensar na imprensa onde um liberal de tempera de ferro, meu pae, redactor daquella folha, com perigo até de sua vida, oppoz o seu peito descoberto á antiga reacção conservadora. Tudo o mais daquellas datas, nesta provincia, é mais ou menos confuso. O que a tudo sobrepára, e domina tudo, como encarnação da tendencia liberal naquelle periodo tempestuoso, é o *Seculo*, que, de mais a mais, por uma filiação directa e positiva ao directorio, ou centro, do partido na corte, directorio no qual o Sr. Dez. Luiz Antonio andou envolvido, era o órgão nosso, nessa quadra de luctas animadas por uma juvenildade exuberante de fé.

S. Ex. mesmo, se quizesse hoje contestar ao *Seculo* o caracter de expressão official e real das idéas, dos intuitos, dos serviços, da vida e aspirações do partido liberal bahiano antes da conciliação, não n'ó poderia fazer; porque foi o Sr. desembargador quem, sob a sua propria firma, n'um escripto publicado aqui, a 3 de janeiro de 1875, deu solemne testemunho da verdade que acabo de depor. *Lendo*: «Rico (o partido liberal) de prestigio, de honrosas tradições, de meios, de abnegações, de intelligencias e de vigor, era natural tivesse

«a extensão, a força, a vida e a direcção que tor-narão conhecidos no Imperio nomes que ainda hoje symbolisam aquella idéa. *Teve por órgão na imprensa o Seculo*, de que foi principal redactor o incansavel e illustrado Dr. Barboza de Oliveira.»

Lançando, pois, de si o *Seculo*, para desven-cilhar-se da lembrança importuna desses compromissos, n'uma conjunctura em que a melhor figura aconselhada por S. Ex. aos seus correligionarios era a da inercia politica ante a conscripção, renunciou elle os seus titulos de prioridade historica em relação a nós, conculcou esse passado, essas tradições da historia liberal que o *Seculo* representa. Onde está, portanto, mais o *historicismo* de S. Ex. e, consequentemente, o *historicismo* do nobre deputado?

O Sr. Antonio Euzebio:—V. Ex. não acabou a historia dessa reunião. Seria bom dizer o que se passou.

O Sr. Ruy Barbosa:—Dil-o—ha depois o nobre deputado; porque não me propuz a lavar-lhe o protocollo, mas simplesmente a pôr-lhe em relevo um dos episodios.

Não somos nós, pois, que nos envolvemos com um manto de glorias alheias, aproveitado só nas revistas de gala, e despido com geito nas horas em que se põem á prova os interesses ou as paixões. (*Apoiados da direita.*)

O nosso genuinismo liberal, ainda não dista muito a epocha em que a individualidade de que o nobre deputado é órgão nesta assembléa e na imprensa não se pejava de reconhecê-lo, em documentos que não poderá cancellar nunca mais.

N'um escripto que, por esse e outros motivos, ha de pesar-lhe e amargar-lhe agora, no escripto em que, sob a sua assignatura, confessava incompatível a sua toga com as funcções de chefe de partido, reconhecendo expressamente que «a sua posição como juiz de um tribunal de justiça aconselhava-lhe abster-se de parte activa no movimento politico», nesse papel, que traz por baixo a firma de S. Ex., exprimia-se o Sr. Dez. Luiz Antonio nestes termos: (*Lendo*) «O nosso illustre amigo, o Sr. conselheiro Dantas, tem mui justos titulos á consideração e estima de seus compatriotas, depois de 1868. A fundação na provincia de uma imprensa de mais largos recursos, sua incessante actividade, sua coragem politica, o trabalho diurno da discussão que alimenta, o promovimento de reuniões politicas, são serviços de TÃO SUBLIME quilate, que escusão qualquer outro predicado.»

Era isso a 9 de janeiro de 1875. Então o chefe a quem seguimos, e seguimos, o partido que constituamos, e continuamos a constituir, a folha que nos defendia, e ainda nos defende, tinham todos esses titulos que alli se enumerão ao reconhecimento do paiz: a fundação de uma imprensa de recursos tão largos quaes nesta provincia nunca houvera, denodo politico, incessante actividade, trabalho de uma discussão diaria, promoção de assembléas populares; e S. Ex., honrando a esses serviços, encarecia-os com o mais alto qualifica-

tivo que, em toda a lingua portugueza, podia-se-lhe deparar: o qualificativo de *sublimes*.

Decorrerão mezes, e S. Ex. veio renovar publicamente, ainda com o seu nome, aquella homenagem á verdade. Das columnas do *Diario* mesmo enunciou-se elle desta sorte: (*Lendo*) «*Bastava-me a autoridade da palavra do Diario para que não pudesse o meu espirito ficar na menor duvida, se os sentimentos generosos de caracteres tão illustres e tão dedicados á causa publica já por si não fossem mais que sufficientes para atestal-os.*»

7 de julho de 1875 é a data desse documento. Ainda a esse tempo, conseguintemente, *mais que sufficiente* era a palavra do *Diario*, como órgão do partido liberal, para estabelecer fé absoluta em assumptos politicos; e os caracteres em que se elle apoiava, *illustres e dedicados á causa publica*, merecião as reverencias do Sr. desembargador.

Mas não ficão ahí os rendimentos de S. Ex. á pureza do nosso liberalismo. N'outra declaração, firmada, não só pelo Sr. Dez. Luiz Antonio, como pelo nobre deputado a quem me dirijo, o Dr. Antonio Euzebio Gonçalves de Almeida, encontra-se, em relação ao *Diario*, este lance: (*Lendo*) «*Pareceu-nos que uma declaração individual não podia ter mais alcance do que a palavra do órgão do partido, que, representando a communhão, comprehendia as nossas individualidades, tanto mais quanto da nossa parte não surgia nenhuma protestaço. O Diario, nesse caracter, tinha direito de ser acreditado.*»

A data disso é 10 de agosto de 1875; e de sua publicação, o dia seguinte. Não ha duvida nenhuma, pois, não ha duvida nenhuma que o *Diario* era o *órgão do partido liberal*, e a communhão de que o *Diario* era *órgão abrangia aquellas duas individualidades*. Nove mezes mais tarde, porém, *ja essas duas individualidades davão-se por despedidas dessa communhão, ja o órgão do partido não podia ser mais o Diario*. Porque?

Em politica os interesses, os resentimentos, as ambições pessoaes, o odio, a vaidade não justificação a quebra dos laços do partido. Se os estadistas que erão chefes, se as folhas que erão órgãos, se os cidadãos que erão correligionarios perfilharão principios novos, repudiarão os antigos, ou adoptarão um rumo hostile aos interesses nacionaes, então, sim, dissolveu-se *ipso facto* a associação, cortou-se a solidariedade, e os fleis adquirirão o direito de convocar a postos as convicções firmes, accender outro lar, e fazer vida á parte. Ora, *as duas individualidades*, a que alludo, poderião articular alguma dessas justificativas? Entre junho de 1875 e agosto de 1876, em que mudámos nós? em que mudou o *Diario*? em que mudarão os nossos chefes, para que essas duas individualidades levantassem campo? (*Apoiados da direita.*)

Malfizemos aos interesses patrios? Em que? Não eramos governo; não administravamos o paiz. Nosso papel era o de fiscoes. Faltámos alguma vez aos deveres dessa fiscalisação, transigindo, ou descuidando-nos? Um dos lados desta casa repre-

senta a situação conservadora. Diga elle se algum acto della effectuou-se, propoz-se, concebeu-se, que o *Diario* o não contrastasse severamente; se alguma vez, deante della, ensarilhámos as armas. Passámos algum dia a mão pela cabeça aos nossos adversarios? Certifiquem elles mesmos se não era de exaggeração, de paixão, que nos increparão sempre? Declarem: arrefecemos um instante na vigilancia? pactuámos um momento com o poder? Quando? Nunca! (*Apoiados da direita.*)

Quanto a principios, qual foi o que innovámos? qual foi o que renunciámos? qual foi o que pospuzemos, directa ou indirecta, explicita, ou implicitamente? Eu provoco o nobre deputado a que m'o aponte. O tom da nossa linguagem, a energia de nossa critica, a intransigencia de nossa fidelidade, o desassombro de nossa franqueza na definição das idéas, nas evoluções da opposição, qual foi a falha que tiverão? em que dia é que enfraquecerão? Nesses nove mezes, qual foi o instante de nossa vida opposicionista que se deixou de parecer com os instantes anteriores? Em que é que os nossos amigos perderão, naquelle intervallo, o direito ao nome de *illustres e dedicados á patria*? em que é que o *Diario* desrevestiu o caracter, a respeitabilidade liberal? em que é que os chefes desmerecerão daquelles precedentes *sublimes*?

O Sr. Carneiro da Rocha:—Apoiado. (*Apoiados da direita.*)

O Sr. Ruy Barbosa:—Dizendo-nos que a liberdade é uma religião e uma criação christã, foi o nobre deputado refugiar-se sob o evangelho de S. Matheus, acastellando-se n'um latim, velho conhecido nosso: *Ubi sunt duo vel tres congregati in nomine meo, ibi sum in medio eorum*, disse o Christo. Deduz dahi S. Ex. que, onde está elle e mais um ou dous, ahí está o partido liberal. Dos dous sacerdotes que têm assento nesta casa, para cuja exegese appellou, não teve resposta, creio que porque a sua theologia não andava certa.

O Sr. Antonio Euzebio:—Ah! eu appellei, pensando justamente que estava.

O Sr. Ruy Barbosa:—Evidentemente essa interpretação era o racionalismo aninhado na Biblia. (*Riso.*) A igreja catholica, para onde S. Ex. interpoz o seu recurso, não lh'o podia prover; porque ella tem sua organisação, sua disciplina, sua hierarchia, seus canones, seu órgão de infalibilidade n'uma assembléa representativa ou n'um pontificado. De tudo isso é negação radical o *duo vel tres* de S. Ex., ageitado áquella hermeneutica. Se desse magisterio, dessa hierarchia, dessa disciplina se afastasse o nobre deputado em nome do versiculo do evangelista, não lhe valia o santo: era uma ovelha desgarrada. Tinha incorrido no anathema. Ora, aqui está um *impio* como eu (*riso*), dando quinaus em orthodoxia religiosa a um fiel como S. Ex. A sua erudição ecclesiastica veio em falso.

Sei que um partido não é uma igreja, e que o nobre deputado, quando emittiu o pensamento de que a liberdade é uma religião, ou fazia simplesmente rethorica, ou tinha em mente antes a *religião natural* dos philosophos do que a religião divina dos theologos, a cuja sombra aliás quiz

acolher-se. Mas, se a milícia de um partido não é um clero, se os chefes do partido não são pontífices, se os princípios do partido não são dogmas impostos sob excommunhão, não sofre duvida nenhuma, todavia, que não ha partido sem organização, sem disciplina, sem chefe.

O Sr. Antonio Euzebio:—E sem um papa e um concilio.

O Sr. Ruy Barbosa:—Antes, em todo caso, um concilio do que um conciliabulo e um papa do que um anti-papa. (*Riso.*)

Com a divisa do *duo vel tres*, commentado pelo espirito de *libre exame*, e trasladado para o terreno politico, forão-se os partidos. Um partido é uma associação espontanea de homens, colligados para, sob um programma commum, mais ou menos definido, servir ao paiz com a força resultante da conjunção de suas individualidades n'uma collectividade numerosa, disciplinada e cohesa. Mas, se o *duo vel tres* mette-se de permeio, hasta que duas ou tres invejas pessoas, duas ou tres ambições vulgares levantem acampamento seu, para que a communhão fique estremeçada na sua auctoridade. Logo, não ha partido sem um complexo de estylos consuetudinarios, sem uma reciprocidade convencional de obrigações, sem certa base de direitos adquiridos, sem certa concentração de confiança num, ou em alguns caracteres eminentes.

O Sr. Antonio Euzebio:—Infallivel, portanto.

O Sr. Ruy Barbosa:—Está o nobre deputado como se o possuísse a monomania religiosa. Não encontra em torno de si senão associações de idéas ecclesiasticas. Ou onde se achão dous ou tres, ahí se acha o partido, como S. Ex. quer; ou, se um partido é, como diz o senso commum, uma sociedade organizada, não n'o ha sem o seu concilio e seu papa.

O Sr. Antonio Euzebio:—Eu quiz completar a sua organização.

O Sr. Ruy Barbosa:—Não ha partidos, nem os pôde haver, nos paizes governados representativamente, sem suas assembléas collectivas, sem suas formas palpaveis, seu mechanismo, seu catedral de idéas *realisaceis, actuaes*, sem seus guias, que não se denominão papas, mas (e é só ao liberal que me refiro) chamão-se, na Belgica, Frère-Orban, na França Gambetta ou Grévy, na Inglaterra Gladstone ou Hartington.

Um dos estribilhos do nobre deputado contra nós é a queixa de excommunhão, que nos argue de havermos-lhe fulminado. De modo que duas ou tres excepções, duas ou tres unidades segregão-se de um todo politico, mancommunão-se, procedem-lhe ao julgamento, e declarão, em todos os tons da grosseiria, da injuria, da deslealdade, que esse todo, que o partido em cuja communhão vivião até hontem, que todos nós os liberaes bahianos deixamos de pertencer á communhão delles dous ou tres, á communhão das suas idéas. E não nos excommunhão! Agora, essa entidade innumeravelmente numerosa que o respeito publico designa como o partido liberal, limitando-se a consignar um facto, a dizer que essas duas ou tres unidades, que essas duas ou tres

excepções estão fóra do partido (e, portanto, fóra das idéas), de que effectivamente se puzerão fóra, essa entidade, isto é, o partido liberal é que fica sendo, com isso, o excommungador!

O Sr. Antonio Euzebio dá um aparte.

O Sr. Ruy Barbosa:—Sin; porque, politicamente, as idéas encarnão-se nos partidos, nos homens; e, enquanto uns e outros não se descartão dessas idéas, servindo ás adversas, quebrar os laços da communhão com esses homens, com esses partidos, é ou romper com ellas, ou trocar a politica pela *philosophia*, e, em ambas as hypotheses, desservir á causa antiga. Ora, tinha curiosidade vivissima de saber do nobre deputado em que é que as suas idéas de agora discrepão das nossas. Se não discrepão, ja que não está com o partido que as personifica, o seu papel, em vez de estar fazendo politica, era philosophar. Se discrepão, é que então demudarão-se as do nobre deputado; pois as nossas são identicamente as mesmas.

O Sr. Antonio Euzebio dá um aparte.

O Sr. Ruy Barbosa:—Quaes são os principios que hoje o separão de nós? Quaes as notabilidades liberaes que, em hostilidade a nós, enfileirão-se ao seu lado? quaes as reformas populares que, a despeito nosso, tração, querem e podem executar?

O Sr. Antonio Euzebio:—Isso era um inventario muito comprido.

O Sr. Ruy Barbosa:—Inventario não ha, quando não ha que inventariar... Mas, se a politica de que o nobre deputado é alferes não tem estrutura organica, nem objectivo sério e definido, nem recursos de acção independentes, nem meios de lutar com possibilidade de vencer, será uma eschola de ideologia politica, um nucleo de proslitismo doutrinario, mas não é, não pôde ser um partido. Para merecer essa consideração, mister seria que pudesse dispor de qualidades, forças, adhesões que o habilitassem a entrar em competencia com os outros, dizendo-lhes:—Gente, credito, dependencias, idéas, meios, enfim de triumphar das difficuldades contemporaneas, e encaminhar o futuro nacional para um alvo certo e melhor, tenho-os mais seguros, mais honestos, mais populares, mais sabios, mais efficazes do que vós.—Mas, se nada disso tem, como é que havia de entrar seriamente nesse concurso, em opposição a egrejas antigas e organizadas, *com seus papas e seus concilios*, a *egrejinha* do nobre deputado?

Desengane-se S. Ex.: um partido é um organismo bem ordenado, com sua energia, sua circulação, sua vida peculiar (*apoiados da direita*); não é uma aggregação de elementos sem liga, sem pensamento, sem vontade efficaz. (*Apoiados da direita.*)

A proposito, não me levará o nobre deputado á impertinencia (já que, contra meu gosto, estou sendo obrigado hoje a citações continuas), não se impacientará, espero, se o demoro em ouvir-me palavras que não são minhas, que pertencem a terra extranha, mas que vêm muito a ponto, e deramão sobre o *separatismo* do nobre deputado

certa luz. N'esta gazeta franceza que aqui trago (*mostrando*), deparou-se-me um papel interessante. E' o manifesto de outros *evolucionistas*, os evolucionistas do bonapartismo, — outros, digo eu, porque S. Ex. creio que é tambem evolucionista....

O Sr. Antonio Euzebio:—Do bonapartismo mesmo, pôde dizer.

O Sr. Ruy Barbosa:—... Espere... Reserve um pouco esse chiste de tão fino gosto...

O Sr. Antonio Euzebio:—Do bonapartismo, sim; em falta de outra cousa, pôde dizer.

O Sr. Ruy Barbosa:—Que dizer ha muito, ha de mais. E, se lhe apraz, direi, por exemplo, evolucionistas *dessa historia*...

O Sr. Antonio Euzebio:—Da historia!?

O Sr. Ruy Barbosa:—... *dessa historia* de liberalismo, historicismo, ou cousa que o valha, e melhor nome tenha, com que S. Ex. e os seus dous ou tres encapão as feições reaes do seu procedimento.

O Sr. Antonio Euzebio:—Vv. Exs. ficarão com o bonapartismo liberal. Mas vamos; isto é um incidente.

O Sr. Ruy Barbosa:—Bonapartismo liberal é outra cousa genuinamente *historica*: fica melhor ao nobre deputado... Mas ouça:

(*Lendo*) «O camponio» (e o que do camponio dizem elles, applica-se naturalmente aqui ao povo em geral) «não é um theorista, a cujos olhos a politica seja susceptível de representar-se como uma questão de sentimento ou distracção; é um homem costumado a encarar as difficuldades practicas, afim de vencel-as, ou resignar-se, segundo as circumstancias e o que no seu bom senso mostre-se-lhe conforme ao seu interesse. Que esperará obter delle, pois, quem lhe enderece esta linguagem: «Legalmente não podemos nada; illegalmente nada queremos tentar; queremos apenas embaraçar o presente governo. Habilitae-nos com os vossos suffragios a impedir que a administração siga o seu curso.» Cuidão que com isso obter-lhe-hão o voto? Não, mil vezes não! e os que «nessa esperança embalão-se, não conhecem nem «o temperamento rural» (popular diria eu cá), «nem as necessidades dos partidos democraticos, «que não são nunca, que nunca jamais poderão «ser partidos de opposição sem fim.»

O Sr. Antonio Euzebio:—Esse pedaço tem muita applicação a nós!

O Sr. Ruy Barbosa:—Que não lhe faça conta reconhecê-la, comprehendendo eu. Mas uma vez que S. Ex. não quer vel-a, encarrego-me de fazê-lha avaliar.

A evolução bonapartista percebeu que partido politico, não n'o pode ser aquelle, que não seja capaz de governar. Para governar, quer-se gente, idéas de governo e administração mais ou menos demarcadas, meios praticos de prevalecer contra a opinião hostil, tudo, em summa, quanto falta aos dous ou tres rebentos pessoases do *historicismo*.—Os partidos democraticos, confessa o manifesto, «não pôdem ser partidos de opposição sem fim.» Não podeis obter do povo um suffragio, se o vosso unico alvo é embaraçar a situação reinan-

te.—Ora, a do nobre deputado é a mais sem fim das opposições. A nós hostilisa agora, quando o poder nos está confiado, como nos hostilizou na adversidade, quando o poder nos esmagava. Dos conservadores, quando nos punhão fóra da lei, dava-se, *pro fórmula*, por antagonista, enquanto realmente os auxiliava, carregando a mão sobre as victimas delles. Nominalmente ligada ao partido liberal, mas effectivamente alliada contra elle á guerra conservadora; realmente caudataria ao partido conservador, bem que relacionada pelo uso das mesmas cores com o liberal; nem liberal, em ultima analyse, nem conservadora (nem republicana tambem), opposição hontem, opposição hoje, opposição amanhã, opposição sempre, é uma opposição sem fim, incapaz de succeder no governo á situação dominante, incapaz de render, serviço do paiz, qualquer dos partidos constitucionaes. E esse programma de opposição eterna é incompativel com a natureza e a missão de um partido politico. (*Apoiados da direita*)

Quer S. Ex. que as idéas liberaes estejam de seu lado. Mas, Sr. presidente, as idéas, em politica, têm sua representação humana, social, militante. Ellas estão onde está a tradição, a continuidade da luta; porque, em politica, o passado não vale deante do presente, senão quando para a conquista do presente labutasse ininterrompidamente até o dia do triumpho. A historia pôde ter logar para todos os titulos; mas os partidos, que são corpos de acção, não n'o tem senão para aquelles cuja actividade, cuja actualidade, cuja permanencia fosse successiva até o dia de hoje. E' nos homens que continuamente lhes bajão dedicado sua vida, sotoposto seus interesses, consagrado seu destino, e nesses homens que os principios têm sua humanação neste mundo. Ora, dessas superioridades politicas do paiz, qual é a que o nobre deputado poderia inscrever no seu alistamento? Zacharias? Nabuco de Araujo? Souza Franco? Sinimbu? Alfonso Celso? Octaviano? Saraiva? Qual dessas? Qual outra?

Nenhuma! Todas ellas estiverão constante, inalteravelmente conosco; todas, uma por uma, até á ultima hora, acompanharão com sympathia, applaudirão com ardor, encomiarão com admiração, animarão com a adhesão mais plena a opposição liberal alimentada pelo *Diario da Bahia*, a firmeza do partido que o *Diario da Bahia* propugnava, o apoio disciplinado e entusiastico desse partido ao *Diario* como seu órgão, seu pharol, seu norte,—todas, sem discrepancia de nenhuma, algumas já adormecidas hoje na eternidade, mas vivas nos seus testemunhos escriptos, que em nossas mãos se enthesourão preciosamente, e pôdem, sendo preciso, vir á publicidade; outras ainda presentes entre nós, e identificadas conosco, hoje como sempre. (*Apoiados da direita*)

E tanto o nobre deputado, tanto a sua politica reconhecia a necessidade impreterivel do apoio dessas notabilidades, a cujo prestigio, a cuja popularidade, a cuja experiencia está associada na actualidade a causa liberal, que opportunamente derão-se pressa em recorrer para lá contra nós; e o nobre deputado bem sabe da resposta, o no-

bre deputado conhece perfeitamente a reprovação silenciosa que o condemnou, o nobre deputado não ignora que os juizes não tomarão conhecimento do recurso.

O Sr. Antonio Euzebio:—Nisso V. Ex. está mal informado, até certo ponto.

O Sr. Ruy Barbosa:—Não ha tal. O nobre deputado sabe que não são inexactas as minhas noticias E insisto nellas, porque não é propriamente em informações que me fundo, mas em cousa mais palpavel, mais segura, a cujo respeito deponho de sciencia propria... Mas, emfim, valha-me o —até certo ponto—do nobre deputado.

Difficil não é, portanto, Sr. presidente, assignalar as nossas posições, e verificar onde está o partido liberal.

Se quereis saber onde está a democracia, onde está o partido liberal, com a sua verdadeira tradição historica, onde está o povo, pergunta e se esses que arrogam a si esses titulos constituem uma vasta maioria do povo, uma opinião enraizada nelle pelas afeições, pelos serviços, pela communhão de crenças,—ou se, pelo contrario, podem um bom dia caber, todos elles juntos, entre as taboas de um bote (*rso*), e, de um momento para outro, sossobrar, ao mais leve desconcerto das vagas, sumindo-se debaixo da onda que emborque o fragil esquite, sem deixar mais entre os vivos um vestigio que os lembrasse.

Observae se, no meio delles, á sua vanguarda, está um desses homens superiores, para quem se volta naturalmente a attenção publica, sempre que a liberdade, preponderante ou opprimida, chama os seus verdadeiros amigos para o labor da edificação ou os perigos da luta, um desses homens em quem o povo se habituou a encarnar as esperanças constitucionaes da nação, uma dessas eminencias que se levantão e resplandecem brilhantemente sobre a democracia liberal como os seus fachos,—ou se, em vez disso, acima das quatro ou seis cabeças que compõem toda a sua *legião*, sobresaee apenas o vulto de um preterito esquecido de si mesmo, demudado na sua personalisação, arruinado nas sympathias populares. (*Sensação*).

Vede se há, nas suas fileiras, um chefe, um guia, um depositario de sua confiança, que publicamente o seja, que licitamente o possa, que aguente aos hombros condignamente o peso da sua grande missão, sem um momento de tibiaza, nem cansaço,—ou se, pelo contrario, associação acéphala, porque não tem o direito de confessar a autoridade que a preside, move-se, contudo, sob essa chiefa clandestina, cuja illegitimidade, cuja incompatibilidade com os deveres da mais exigente das posições sociaes, da judicatura, que lhe impunha uma abstenção religiosa de todos os interesses partidarios, haja sido já, do alto da imprensa, reconhecida solemnemente por aquelle mesmo que, entretanto, se fez, em realidade, o motor, a alma, a paixão viva da mais pessoal de todas as politicas, do mais exiguo e, portanto, do mais apaixonado e exclusivista de todos os grupos facciosos. (*Sensação*).

Procurae pelo seu órgão, verifique se lhe po-

deis encontrar uma vitalidade propria: se nasceu, consolidou-se, e mantém-se com essa independencia essencial á sua dignidade; se prospera entre os applausos dos adeptos professos e as iras dos professos inimigos da democracia e da liberdade,—ou se, pelo contrario, de uma origem suspeita, de uma vida mysteriosa, de uma subsistencia inexplicavel, de uma circulação artificial, nutre-se do escandalo vertido quotidianamente a mãos cheias sobre o lado politico de que hontem se separou, cujas insignias ainda usa para feril-o melhor; se contra elle voluntariamente se transformou em látego nas mãos de nossos tradicionaes antagonistas, fazendo as melhores delicias dos adversarios naturaes, conhecidos, irreconciliaveis da liberdade e da democracia. (*Apoiados; muito bem da direita. Applausos nas galerias.*)

O Sr. Presidente:—Attenção!

O Sr. Ruy Barbosa:—Sabei se, quando a convocação do eleitorado para os comicios provinciaes vinha offerer aos partidos uma occasião expressiva de medir reciprocamente as forças, se, então, nos dous terços, nos vinte oito logares da maioria, escasseou-lhes espaço para as reputações, as dedicações, os talentos que lhe superabundão no gremio,—ou se, pelo contrario, esquadrinhando todos os escaninhos do seu thesouro *historico*, não achou para o representar mais que quatro nomes, (que, ainda assim, só se atreverão a recomendar-se em nome de uma gazeta, não no de um partido), quatro apenas, dos quaes só um era capaz de apparecer na altura deste logar (*Não apoiados da esquerda*)...

O Sr. Antonio Euzebio:—Serei eu?

O Sr. Ruy Barbosa:—... e, dos tres restantes, um figura já impresso nas chapas conservadoras; outro recebeu nessa honra o premio da detracção exercida hoje contra aquelles a cujo subsidio escreveu até á hora de contractar-se na empresa a que hoje serve...

O Sr. Antonio Euzebio:—Está só a declamar o nobre deputado. Sabe que aquelle nome entrou na chapa conservadora pela sua qualidade na fregezia. Não reclamo nada em relação a mim; mas, se verem as listas parochiaes, hão de ver muitos nomes de liberaes figurando nas listas conservadoras.

(*Apartes diversos. Sussurro nas galerias. O Sr. presidente reclama por vezes attenção.*)

O Sr. Ruy Barbosa:—... e o outro teve nisso o galardão... não sei de que.

O aparte do nobre deputado é uma má defeza. Se as qualidades ou a posição desse cidadão na parochia justificão a presença do seu nome na lista conservadora, porque é que, apesar dessa posição e dessas qualidades, recusou elle desenganadamente um logar na chapa liberal? Propuzerão-lh'o: rejeitou-o. Fallarão-lhe em incluil-o, a despeito da sua resistencia; retrucou que pela imprensa declarar-se-hia extranho e opposto á nossa combinação. Logo, se deixou correr mundo, sem protesto, até á eleição, o seu nome na chapa conservadora, porque esse ameaço de protestar immediata e decididamente contra a sua inserção na chapa liberal? Se nenhuma expres-

são politica encerra a candidatura do parcho nas recommendações eleitoraes deste o daquelle partido, que significa, nesse caso, a par dessa facilidade em annuir á sua inclusão entre os candidatos conservadores, essa repugnancia invencivel á sua apresentação entre os candidatos liberaes? Depois, o nobre deputado confunde idéas distinctas. Um votante não exclusivamente partidario é possível que, n'uma cedula quasi inteira de adversarios meus, por um sentimento de affeição particular ou de estima civica, abra em favor de um liberal, em meu favor, por exemplo, uma excepção. Mas, entre o voto individual de um cidadão inclinado aos meus antagonistas e a exhibição do meu nome na chapa official delles, vae um abysmo.

Para sentenciar, portanto, entre nós e esses de que o nobre deputado é procurador, entre essa descendenciasinha de paixões que eu não qualifico e o grande partido que encontrareis abraçado hoje com os mesmos principios, as mesmas tradições, os mesmos chefes, a mesma imprensa que ha dez annos, a população que me ouve, a provincia, o paiz não têm razões dubitativas, não têm senão razões decisivas, e essas razões creio que as deixo firmadas concludentemente. (*Apoiados da direita.*)

Lembra-me, Sr. presidente, que, quando, ha tres annos, se deu aqui a publico, sob a firma de um magistrado que trocou a imparcialidade da justiça pela parcialidade parcialissima de chefe, nem ao menos de um partido, mas de um punhado de impaciencias descontentes, impotentes e desnorteadas, um escripto intitulado «*simples rectificação*», de onde vagamente ressumbrava já a natureza dos impulsos que, pouco depois, levarão o nobre deputado e *os seus dous ou tres* a esse fundo de sacco, onde se embetegarão, nesse papel buscava-se preparar o terreno para o movimento que já então era presensivel, evocando, uma a uma, em torno do seu promotor, as recordações de todos os antigos lidadores da liberdade nesta terra.

S. Ex., quando, nessa *simples rectificação*, esforçou-se por mostrar ao paiz que as antigas tradições liberaes, nesta provincia, tinham ainda, pelo menos em S. Ex., uma sombra platonica-mente fiel a um passado, cuja devoção, da parte dos seus contemplativos proselytos, ou dos seus fatigados sobreviventes, consistiria apenas, parece, na fiação ociosa das vantagens do presente e na discordia dia a dia suspensa, das mãos delles, sobre a cabeça do seu partido como espada de Dámocles, commetten a imprudencia de abrigar esse papel sob a invocação de sombras illustres, que o sepulchro cobre, algumas das quaes, pela sua dedicação activa, militante, desinteressada á harmonia, á consolidação, á cohesão da familia liberal, teem ainda, na memoria, na affeição, no culto della, uma vida a que muitos vivos ja perderão o direito, e de que nunca mais hão de obter a realidade.

(Lendo):

«Espiritos elevados», dizia S. Ex., «caracteres < generosos, esquecendo o que devião alguns del-

les, a vida domestica e habituaes occupações, «sentindo palpar-lhes ainda o coração pela idéa, «pela qual outr'ora havião sacrificado repouso e «fortuna, congregarão-se, e reorganisarão o partido, que subiu então ao nivel da acção que o «despertara. A gigantesca luta eleitoral da occasião, e seus resultados o demonstrão.

«Os finados barão de S. Francisco, coronel Simão Gomes Ferreira Velloso, coronel Antonio de Souza Spinola, Dez. José Ferreira Souto, Dr. Eduardo Ferreira França, Dr. João José Barbosa de Oliveira, e os existentes barão de Matim, coronel Pedro Leão Velloso, commendaador Antonio Ferrão Moniz, Dr. Angelo Francisco Ramos, major Antonio José de Souza Gouveia e L. A. Barbosa de Almeida, além de muitos outros que seria longo enumerar, forão os promotores deste grande facto.»

Ah! Sr. presidente, de um ao menos, d'entre esses grandes patriotas, d'entre esses cidadãos exemplares, posso eu dizer que, se já lhe não cerrasse os lábios o silencio invencivel da eternidade, protestaria irritadamente contra essa inserção profanadora do seu nome no primeiro rebate dos sentimentos que determinarão pouco mais tarde a deserção. E, se a solemnidade da occasião, se a religião do reconhecimento para com essas almas benemeritas, se o culto da verdade ante a nudez austera dos tumulos permite, autorisa, exige que uma dessas sombras veneraveis se projecte aqui, viva, severa, indignada; se um desses mortos cuja individualidade saliente ainda não esqueceu a ninguém, pôde, momentaneamente, sob a invocação imperiosa das idéas que amou e serviu neste mundo, assumir uma personificação visivel naquelle em quem concentrara, na terra, a mais intima parte do seu affecto, e transfundira a mais intensa chamma da sua paixão liberal; se a um filho obscuro (*não apoiados*) é dado, em horas como esta, ser, ainda que por uma transfiguração instantanea, a imagem de um pae que soube honrar tanto a seu paiz (*sensação*), direi: Um desses nomes em que encarnastes a historia liberal desta provincia, devia ser um pesadelo continuo para a politica desorganizadora que o nobre deputado preconisa. João José Barbosa de Oliveira, esse cidadão sem mancha, esse indefeso batalhador da democracia, esse apaixonado crente da liberdade (*muito bem*), esse partidario que da politica não colheu senão os fructos amargos (*apoiados*), e cujo nome, entre os seus adversarios mesmos, entre os seus inimigos honestos, não será jamais pronunciado sem respeito (*apoiados da direita e da esquerda*); esse typo de lealdade politica na sua mais alta pureza e de fidelidade liberal na sua expressão mais heroica (*apoiados*); João José Barbosa de Oliveira, se ainda vibrasse aqui a sua eloquencia luminosa, a sua dialectica irresistivel, que tantas vezes encheu este recinto, fulminando governos oppressores e facções immoraes; se lhe fosse permitido levantar-se, agora, desta bancada, deste logar mesmo, com aquella energia incisiva de sua palavra, com aquella independencia intemmerata do seu espirito, com aquella profunda consciencia da sua probidade,

com aquella justa confiança no seu nome (*sen-sação profunda*)... seria para dizer ao nobre deputado que a mais gratuita das injurias ao seu caracter, o desmentimento mais flagrante ás tradições honradas de sua vida, fóra a simples insinuação de que elle podesse aceitar jámais a tenda que lhe indicasse o liberalismo do nobre deputado nesse seu projecto de arraias sem milicia e sem bandeira. (*Muito bem. Bravos.*)

Infelizmente a Providencia não concedeu ao filho a palavra extraordinaria do pae. (*Não apoiados*) Mas sinto na minha consciencia a obrigação de ser o seu interprete, e sel-o-hei. (*Muito bem.*)

Pois bem! A essa politica de sentimentos pes-soaes, cujo programma é, sob as divisas da liberdade, ferir incansavelmente, cruamente, falsamente o partido liberal nas suas fibras mais vi-taes, ninguém votava mais reprovação, mais in-dignação do que elle. Quando esse elemento de mal, antes do escandalo do seu rompimento pu-blico, entrava a desprender, no seio da nossa in-timidade, o seu fermento, foi elle quem primeiro, quem mais exacta, mais convencida, mais insis-tentemente lhe presentiu, lhe previu, lhe predisse este futuro deploravel a que estamos assistindo. (*Apoiados da direita*) Emquanto aquelles a quem tocava a funcção de moderadores, esgotavam thesouros de paciencia, de delicadeza, de desinteresse, de cordialidade, elle prenunciava a inutilidade infallivel de tão generosos esforços e lastimava a boa fé de tantas esperanças bene-volas. Elle tivera motivos particulares e crueis de conhecer profundamente a natureza desses prin-cipios, dessas tendencias, dessas influencias dis-solventes, que imprimirão o impulso a esse mo-vimento; elle, como ninguém, achara-se em oc-casões decisivas de sondar-lhes, experimentar-lhes, tactear-lhes a incurabilidade, a irreducti-bilidade, a incorrigibilidade; e, na sua opinião, que todo dia clamava aos ouvidos incredulos dos amigos como uma propheta, a liquidação que se não fizesse logo, effectuar-se-hia mais tarde em condições a que a prudencia aconselhava an-teciparmo-nos.

O presagio realisoou-se além das previsões del-le, com a differença, porém, de ser (alem de mais insignificante) mais precipitado e mais inoffens-i-vo, portanto, esse corte de relações. Adeantando-se, perdeu esse movimento qualquer possibilida-de, remotissima que fosse, de influencia hostil a nós, de efficacia malfazeja, que a occasião mais tarde lhe podesse proporcionar. A sua prematu-ridade condemnou-o de nascença á impotencia absoluta. Pronunciando-se contra um partido em opposição, inhabilitou-se para prejudicar a esse partido no governo. Opposição á opposição hontem, tirou previamente toda a expressão politica possivel sua opposição ao governo hoje. (*Muito bem da direita*).

Salteando-nos, quando ainda nos metralhava a força do governo passado; simulando, á custa de apparatus conscientemente falsos, uma scisão que não existia—porque meia duzia de indisposições pessoases, sem peculiaridade de idéas, nem se-quella de adherentes, não é uma scisão politica, não é dissidencia, não é nada mais do que um conchavo (*apoiados da direita*)—; diligencian-do assim (em vão, felizmente) enfraquecer-nos, invalidar-nos para a successão do poder; met-tendo-nos entre a fuzillaria dos nossos adversa-rios, armados com a autoridade, e as descargas *historicas*, esses que por propria conta e de si proprios tomarão carta, não sei a que bandeira, para os nossos mares politicos, empenha-rão contra o partido liberal, nos dias severos da adversidade, todo o fogo dos seus gratuitos despeitos. Subimos, portanto, ao governo a despeito delles, espingardeados por elles. (*Apoiados da direita*).

No meio desse cruzamento de baterias (regis-tre-se aqui, para ainda maior nobilitação do parti-do liberal) não houve desses assaltos um só ti-ro que elle honrasse com uma resposta. Acom-metterão-nos pelas costas; porque a frente esta-va para o inimigo natural e franco. E nunca, nem uma só vez, encaramos nelles, nunca lhes intentamos uma represalia, nunca, sequer, lhes profrimos o nome. (*Apoiados da direita*).

A tempestade com que tiverão a presumpção de fazer capitular a esse escandalo o partido li-beral, foi, afinal, uma tempestade *n'um copo d'agua*; não desviou um ponto a linha recta do nosso caminho; não alterou um ápice á vida re-gular, diaria da nossa opposição; e, se, atravez desses dous fogos convergentes, chegámos ao resultado actual, a conquistar para nossas idéas a administração do paiz, foi contra a vontade, contra a diligencia, contra a obstinação des-sa pretensa *politica*, a que o nobre deputado im-molou qualidades intellectuaes dignas de melhor sorte. (*Apoiados*).

Estão, pois, discriminadas as nossas posições respectivas. Siga o nobre deputado, com os dous ou tres satellites cegos desse centro sem luz, o seu fadario. Vá por deante isso delles, a que que-rem chamar politica, no meio do applauso inte-riormente ironico dos inimigos de hontem. Este applauso é a primeira punição desse erro per-tinaz. Mas, dentre os seus, o nobre deputado, ain-da que seja elle só, ha de sentir, ao ouvil-o, es-curecer-se-lhe o espirito de intima tristeza; por-que S. Ex. bem sabe que essa não é a recom-pensa que deixa consolada a alma e erguida a cabeça aos que a recebem. (*Apoiados. Bravos. Muito bem. Muito bem. Applausos nas galerias. O orador é cumprimentado pelos Srs. deputados da direita e carios da esquerda.*)